

Maria José Pereira Montenegro

O PAPEL DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DA  
SUBJETIVIDADE, EM WINNICOTT

Pontifícia Universidade Católica  
Psicologia Clínica  
Núcleo de Singularização  
São Paulo, 2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Maria José Pereira Montenegro

O PAPEL DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DA  
SUBJETIVIDADE, EM WINNICOTT

Dissertação apresentada à Banca  
Examinadora da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para  
obtenção do título de mestre em  
Psicologia Clínica, sob orientação do  
Prof. Dr. Luis Claudio Figueiredo

Pontifícia Universidade Católica  
Psicologia Clínica  
Núcleo de Singularização  
São Paulo, 2006

---

---

---

“Para a maior parte das pessoas o elogio definitivo é ter sido encontrado e usado. Por essa razão suponho que essas palavras poderiam representar a comunicação estabelecida entre o bebê e sua mãe.

Eu encontrei você;

Você sobreviveu a tudo que eu fiz, e eu passo, então, a reconhecê-la como não-eu;

Eu uso você;

Eu esqueço você;

Eu perco você;

Mas você se recorda de mim;

Continuo a esquecer-me de você;

Fico triste.”

WINNICOTT

## **Agradecimentos**

Ao Prof. Dr. Luis Claudio Figueiredo, pela orientação deste trabalho e pelos ensinamentos.

Ao Prof. Dr. Daniel Kupperman e ao Prof. Dr. Alfredo Naffah pelos comentários e sugestões valiosas.

Aos professores: Dr. Renato Mezan, Dr. Gilberto Safra, Dr. Manoel Tosta Berlinck, Dra. Maria Lúcia Violante e Rahel Boracs.

Aos colegas do grupo de orientação, pelas contribuições.

À Marta Nora Oneto, companheira neste percurso, pela sua amizade.

À amiga Magali Sousa Alvarez pelo incentivo.

À Maria Alexandra Borba pela revisão do trabalho e pelas palavras de estímulo.

À Vera, da secretaria dos Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, pela sua ajuda.

À PUC

A CAPES

Aos pacientes, que dão sentido a esse trabalho.

Ao Roberto e nossos filhos, Sil, Beto e Karina.

## Resumo

A proposta deste trabalho é pensar, utilizando a teoria de Winnicott, como um ser vai se constituindo subjetivamente – humano, singular e único – e qual a contribuição do outro humano, também singular e único, nesse processo.

Winnicott vai destacar e estudar, em face das necessidades impostas pela sua clínica, a grande importância do outro – no começo, absolutamente coincidente com o ambiente – no desenvolvimento humano, bem como vai enfocar a importância das primeiras relações.

Para ele, a criança nasce com um potencial herdado que só se efetiva em um ambiente “suficientemente bom”. As potencialidades do bebê vão sendo moduladas pela mãe/ambiente; ao perceber o ritmo do bebê e suas necessidades, e ao validar seu gesto, a mãe vai permitir a atualização do potencial criativo dessa criança.

É necessário que a mãe possa entender, permitir e suportar, por parte do filho, tanto a necessidade de fusão como de separação. É fundamental que a mãe possa propiciar o surgimento de um espaço potencial, até que o filho esteja apto a se individualizar.

É essencial, também, que a mãe possa ser “usada” para suprir as necessidades da criança. Se assim o for, a criança poderá acumular reservas de confiança básica e de narcisismo normal; vai poder se separar da mãe e, de forma confiante, amar não só a ela mesma, mas também a mãe e outras pessoas. A criança constituirá sua subjetividade, separada dessa mãe, caminhando para uma dependência relativa – no começo da vida, a dependência é absoluta – e para o desenvolvimento da capacidade de preocupar-se, sonhar e brincar, confrontando-se, então, com as questões edípicas de forma enriquecedora para a personalidade, com a possibilidade de responsabilidade e contribuição para o ambiente.

## Summary

The proposal of this paper is to think, using the Winnicott theory, on how a being constitutes itself subjectively – human, singular and unique – and what is the contribution of another human being, also singular and unique, in this process.

Winnicott will emphasize and study, due to the needs imposed by his clinic, the great importance of the other – in the beginning completely coinciding with the environment – in the human development, as well as focalizing on the importance of the first relationships.

According to him, the child is born with an inherited potential which will only become effective in a “sufficiently good” environment. The baby’s potentials are modulated by the mother/environment; on discerning the baby’s rhythm and its necessities, and by validating her gesture, the mother will permit the updating of this child’s creative potential.

It is necessary that the mother can understand, permit and support, on behalf of the child, the need of fusion as well as of separation. It is fundamental that the mother can propitiate the appearance of a space of potential, until the child is capable to become an individual.

It is also essential that the mother can be “used” to supply the child’s needs. If this be so, the child can accumulate a reserve of basic confidence and of normal narcissism; it will be able to separate itself from the mother and, in a confident way, love not only itself, but the mother and other people as well. The child will constitute its subjectivity, apart from this mother, moving towards relative dependency – at the beginning of life, dependency is absolute - and towards the development of the capability to be concerned, dream and play, confronting, therefore, the Oedipus issues in a manner that enriches the personality, with the possibility of responsibility and contribution towards the environment.

## Sumário

Introdução	01
Início: Idéias sobre a Importância do Outro, em Freud	08
O Início em Winnicott – O Outro Absolutamente Necessário	15
Antes do Nascimento - O Outro que acolhe	21
A Vivência do Nascimento – O Ambiente não Intrusivo	26
O Outro Extremamente Identificado com o Bebê	33
O Outro exercendo a função de <i> Holding </i> e Manejo	37
O Outro que se Apresenta para ser Criado	44
O Outro empático às necessidades do bebê – A Intermutualidade	50
O Outro possibilitando a Transicionalidade – O Fenômeno Não Eu	58
O Outro que se Opõe	63
O Outro que Sobrevive	71
O Outro Confiável e Consistente no Tempo	82
O Outro que Aceita as Contribuições	90

O Papel do Pai	101
O Outro Humano Confiável – A Vida Compartida	110
Considerações Finais	115
Referências Bibliográficas	122

**Introdução**

---

Há algum tempo questões relativas à constituição do sujeito e à importância do outro nessa constituição, ou seja, indagações concernentes à formação do psiquismo humano, passaram a me inquietar e interessar. Minha atenção se voltou à maneira como um ser vai se tornando um indivíduo, singular e único – humano –, mas, principalmente, de que forma um outro humano participa desse processo. Essas indagações e interesse surgiram a partir do meu trabalho clínico e, mesmo sendo a proposta desse trabalho que ele seja eminentemente teórico, o olhar para clínica será mantido. Tenho esse olhar como “pano de fundo”.

Minhas investigações partiram das idéias de Freud sobre a formação do aparelho psíquico e de sua teoria sobre narcisismo, identificação e complexo de Édipo. Mas um longo e complexo “caminho” deverá ser percorrido para que se possa chegar a um aparelho psíquico já constituído.

A clínica de Freud era especialmente voltada a neuróticos; por esse motivo, ele não pôde tratar de outros aspectos que não os neuróticos em seus pacientes. Provavelmente também não houve tempo: mesmo tendo se dado conta de questões mais regredidas da constituição humana, não pôde aprofundá-las, e deixou essa tarefa para seus seguidores.

Winnicott vai destacar e estudar – justamente pelas necessidades impostas por sua clínica – a grande importância do ambiente e das primeiras relações no desenvolvimento humano; portanto, esse autor é uma excelente fonte para se esmiuçar as questões que dizem respeito à constituição da

subjetividade, subjetividade entendida como aquilo que é mais próprio em cada um de nós.

A proposta deste trabalho é pensar, utilizando a teoria de Winnicott, como um ser vai se constituindo como sujeito – humano, singular e único – e qual a contribuição do outro humano, também singular e único, nesse processo.

Diz Winnicott (1957):

“As pessoas querem saber sobre os primórdios de suas vidas, e acho que elas devem querer saber. Poder-se-ia dizer que alguma coisa faltaria na sociedade humana se os filhos crescessem e fossem, por seu turno, pais e mães, mas sem saberem e reconhecerem o que as mães fizeram por eles no começo” (p. 10).

Ele continua seu raciocínio afirmando não querer dizer com isso que as pessoas devam agradecer a seus pais (ou que não devam), mas que tem interesse nessa relação, entre eles e sua mãe, antes mesmo do nascimento e também nas primeiras semanas e meses de vida. E esse é também o meu interesse: o que pôde ser vivido nessa relação. O que pôde promover desenvolvimento, e se não promoveu, como se dá a interrupção desse processo.

Mas ler Winnicott não é uma tarefa simples. Sobre isso nos disse Luís Claudio Figueiredo em uma de suas aulas: “Winnicott, como dizia Tom Jobim em relação ao Brasil, não é para principiantes. Não tanto porque os principiantes saiam com a impressão de que não entenderam nada, mas, ao contrário, porque ficam pensando que entenderam tudo”.

E, talvez por isso, muitas vezes Winnicott foi acusado de simplista; quem sabe também por sua forma clara e natural de posicionar-se, por sua espontaneidade. Seu público não era formado só de psicanalistas; falou às mães, aos pais e a todos que tivessem interesse em suas idéias. Mas não se pode ser simples, simplesmente; para isso, há de se ter passado por um

processo complexo e sofisticado ao longo do tempo e num certo espaço. Quando me refiro ao simples estou me remetendo ao natural, à natureza, ao espontâneo. Winnicott era assim, e sua teoria reflete seu modo de ser. Teoria não é pensar a experiência? E a experiência clínica sempre envolve a pessoal.

Por outro lado, para se entrar em contato com Winnicott é necessário poder suportar a ambivalência. Como todo ser humano, ele é bastante paradoxal, e sua teoria espelha isso.

Winnicott pertenceu à Sociedade Britânica de Psicanálise, integrante do Midle Group (Grupo Intermediário), ou Grupo de Tradição Independente – ou seja, ele não faz parte do Grupo Kleiniano ou do Ana Freudiano. Como outros membros do Midle Group, Winnicott foi fortemente influenciado por Klein e Ana Freud; no entanto, o Midle Group foi formado por aqueles que não quiseram pertencer, de forma sectária, a nenhum dos dois outros grupos. Seus integrantes desenvolveram a teoria das relações objetais de Melanie Klein e passaram a se interessar, num sentido estrito, não apenas pelo relacionamento entre sujeito e objeto, mas entre o sujeito e seus objetos, pela maneira específica como cada sujeito apreende seus objetos, tanto internos quanto externos. O indivíduo afeta seus objetos tanto quanto estes o afetam (Kohon, G.); portanto, o indivíduo tem uma participação ativa na constituição de seus objetos.

Mas a teoria se desenrola a partir da clínica, e é isso que faz da psicanálise uma teoria viva. Outros psicanalistas, contemporâneos e posteriores a Freud, com base em suas idéias e na clínica de cada um, foram somando suas contribuições à psicanálise.

É importantíssimo o papel de Melanie Klein, que, por meio de sua clínica de crianças e da observação das brincadeiras infantis, passando pelo estudo das fantasias primitivas, muito acrescentou ao entendimento dos mecanismos psíquicos dos primeiros tempos, onde já há um psiquismo em

funcionamento (projeções, introjeções etc.) e relações de objeto, ainda que de forma rudimentar.

Bion, por sua vez, contribui com conceitos como “reverie”, destacando com isso a importância de um outro que possa pensar os pensamentos de um ser que ainda não tem essa capacidade e autonomia, *por* e *para* ele (função alfa) – ou seja, transformando elementos beta (confusão) em elementos alfa, disponíveis para o pensamento. Explicando-se melhor, essa função seria exercida pela mãe ou sua substituta, quando fosse ela capaz de suportar as projeções de seu bebê e de “devolvê-las” elaboradas, possibilitando assim a introjeção de forma tranqüila. No entanto, ampliando a noção de introjeção de Melanie Klein, Bion nos diz que a criança não introjeta somente o objeto, mas também a relação com esse objeto. A mãe com capacidade de “reverie” possibilita à criança que ela introjete uma pessoa hábil a elaborar emoções; futuramente, a própria criança poderá exercer essa função – a de pensar. Nota-se, nesse modo de refletir, nesse aprender com a experiência, que não só os fatores constitucionais interferem no desenvolvimento do sujeito. A patologia não se dá pelo conflito, mas sim pela maneira como a mente vai, ou não, dando conta das exigências da vida. Ou seja, pela forma como o ser vai lidando com a dor de estar vivo, e como vai possibilitando a capacidade de desenvolver um aparelho próprio para pensar.

Winnicott vai “trazer” essa investigação mais para trás, e dar ainda maior ênfase ao ambiente. Ele vai destacar e estudar, em face das necessidades impostas pela sua clínica, a grande importância do outro – no começo, absolutamente coincidente com o ambiente – no desenvolvimento humano, bem como vai enfatizar a importância das primeiras relações. Portanto, como já dito, Winnicott é uma excelente fonte para se pensar e aprofundar as questões que dizem respeito à constituição do humano, e à importância do outro nesse “processo”. Ele nos fala de um tempo anterior ao Édipo – de forma bastante fundamentada na sua clínica de crianças e psicóticos – e da importância das primeiras relações.

Para ele, a criança nasce com um potencial herdado que só se efetiva em um ambiente “suficientemente bom”. As potencialidades do bebê vão sendo moduladas pela mãe/ambiente; ao perceber o ritmo do bebê e suas necessidades, e ao validar seu gesto, a mãe vai permitir a atualização do potencial criativo dessa criança.

É necessário que a mãe possa entender, permitir e suportar, por parte do filho, tanto a necessidade de fusão como de separação. É fundamental que a mãe possa propiciar o surgimento de um espaço potencial, até que o filho esteja apto a se individualizar.

É essencial, também, que a mãe possa ser “usada” para suprir as necessidades da criança. Se assim o for, a criança poderá acumular reservas de confiança básica e de narcisismo normal; vai poder se separar da mãe e, de forma confiante, amar não só a ela mesma, mas também a mãe e outras pessoas. A criança se constituirá como sujeito, separada dessa mãe, caminhando para uma dependência relativa – no começo da vida, a dependência é absoluta – e para o desenvolvimento da capacidade de preocupar-se, sonhar e brincar, confrontando-se, então, com as questões edípicas de forma enriquecedora para a personalidade, com a possibilidade de responsabilidade e contribuição para o ambiente.

A segurança básica, ou seja, a confiança internalizada na mãe, leva a um narcisismo secundário sadio, com uma boa auto-estima.

No início, a relação é com o objeto subjetivo (objeto da necessidade), mas o bebê não sabe disso; para ele, não existe o outro. Depois, a criança se relacionará com um objeto transicional, um objeto que opera a transição entre o que ela é e o que não é; a partir daí, fazendo uso desse objeto transicional, o bebê vai poder perceber que existem o eu e o outro como outro (objeto objetivo), relacionando-se com ele e podendo perceber o outro como uma pessoa total, e a si próprio também como uma pessoa total.

Antes de poder usar o objeto e se relacionar com ele como outro – a chamada relação de objeto (*object-relating*) –, “o sujeito permite que algumas alterações no seu *self* tenham lugar, alteração de uma espécie que nos levou a criar o termo catexia (investimento)” (Winnicott, 1971).

Luís Claudio Figueiredo<sup>1</sup> nos diz: “Traduzir *object-relating* por relação de objeto é tanto inevitável quanto insatisfatório. *Object-relating* não é uma modalidade de relacionamento do sujeito com “objetos”, mas uma modalidade de funcionamento psíquico do sujeito. Nessa modalidade de ser, o sujeito se transforma à medida que investe certos elementos ou aspectos do mundo, tornando-os seus e, simultaneamente, tornando-se eles. Trata-se do que poderia ser caracterizado, em termos freudianos, como escolhas narcisistas de objeto”.

Freud, no fim de sua vida, faz uma reflexão, entre outras tantas, que aponta para as idéias de Winnicott:

“‘Ter’ e ‘ser’ nas crianças. As crianças gostam de expressar uma relação de objeto por uma identificação: ‘Eu sou o objeto’. Ter é o mais tardio dos dois; após a perda do objeto, ele recai para ‘ser’. Exemplo: o seio. ‘O seio é uma parte de mim, eu sou o seio’. Só mais tarde: ‘Eu o tenho’ – isto é, ‘eu não sou ele’...” (Freud, 2 de Julho de 1939).<sup>2</sup>

Freud falece em 23 de Setembro do mesmo ano.

---

<sup>1</sup> Aula ministrada na PUC – “Acerca de Winnicott”.

<sup>2</sup> “Tener e ser en el niño. El niño prefiere expresar la relación objetal mediante la identificación: yo soy el objeto. El tener es ulterior e vuelve a recaer en el ser uma vez perdido el objeto modelo: el pecho materno. El pecho es una parte de mi, yo soy el pecho. Más tarde, tan solo: yo lo tengo, es decir, yo nolo soy... (Freud, S. Obras Completas, 1981 – Tomo II, p.3431)

**Início: Idéias sobre a Importância do Outro,**

---

**em Freud**

O ser humano desde o seu nascimento (e por toda a vida), tem que se haver com seu desamparo. Para o bebê o outro é questão de sobrevivência. Suas necessidades físicas terão que ser supridas; é dependente de um outro. É apoiado nessa dependência e necessidade do outro para a sobrevivência física e para poder lidar com seu desamparo que o bebê vai construindo seu psiquismo.

O psiquismo vai se formando, sofisticando-se e complexizando para dar conta das vicissitudes da vida. Para que esse desenvolvimento seja possível não só fatores intrapsíquicos (fatores dinâmicos e econômicos entre as instâncias psíquicas), mas primeiramente e fundamentalmente, dos fatores interpíquicos. Da troca libidinal entre o bebê e o mundo; da possibilidade e qualidade dessa troca.

Freud propõe um modelo de aparelho psíquico para explicar sua forma de entender o psiquismo – a metapsicologia freudiana. Para ele, o que move o aparelho é uma determinada energia que, transmitida e transformada, diferencia-se em instâncias, que coexistem e relacionam-se entre si. A função do aparelho é manter o nível de excitação interno o mais baixo possível (princípio de constância), o que é obtido pela descarga da energia já presente, ou pela evitação de estímulos que possam aumentar a quantidade de excitação. Essa não é uma função fácil; é necessário um longo período para que esse aparelho possa ir se refinando e se desenvolvendo para, então, poder dar conta de toda a complexidade do mundo psíquico.

Nos seus primórdios, o aparelho funciona como um aparelho reflexo, tentando, tanto quanto possível, ver-se livre de estímulos. Descarrega imediatamente, por via motora, qualquer excitação sensorial que recaia sobre ele. Mas essa forma de funcionamento se mostra ineficaz para suprir todas as exigências que a vida impõe. As necessidades básicas – como a satisfação da fome, por exemplo – não são apaziguadas com uma descarga momentânea. O bebê pode chorar ou dar pontapés, mas, nesse caso, somente por meio de um auxílio externo a vivência de satisfação porá um fim ao estímulo externo. Essa vivência interna fica então vinculada, através de traços mnêmicos, à vivência de satisfação. Assim sendo, na próxima vez em que a vivência for despertada, o traço mnêmico será recatexizado, com a finalidade de restabelecer a satisfação original. Para Freud, essa busca de satisfação é o desejo, e a experimentação dessa vivência é a realização do desejo.

Numa primeira atividade psíquica, o objetivo era produzir perceptivelmente essa vivência de satisfação; experimentada uma vez a vivência, dali em diante o bebê pode, para chegar a ela, aluciná-la. A alucinação, porém, não dará conta da necessidade, que vai perdurar, e essa primeira atividade psíquica terá que ser transformada em uma mais conveniente. A realidade exterior passa a ter que ser levada em consideração.

Não é mais possível realizar o desejo pela via da regressão, a não ser por meio dos sonhos – durante o sono –, que são o protótipo desse primeiro processo, do processo primário do funcionamento psíquico. Nos sonhos há a realização alucinatória dos desejos, mas, na vigília, essa forma foi abandonada, por se mostrar ineficaz. Outras maneiras menos diretas tiveram que ser encontradas para dar-se conta da realização do desejo. Nas psicoses, como nos sonhos, essa primeira forma de funcionamento psíquico é utilizada, em virtude da incapacidade de se satisfazer as necessidades em relação ao mundo exterior.

Ao contrário da vivência de satisfação, um estímulo que possa provocar uma vivência dolorosa faz com que o aparelho se retraia da percepção e, conseqüentemente, da dor. Quando a percepção se repete, o mesmo movimento é acionado até que a percepção desapareça. Caso algo venha a revivê-lo, o traço mnêmico da vivência desagradável tem sua imagem abandonada, evitando-se assim o desprazer. Essa evitação, pelo aparelho psíquico, da lembrança de qualquer coisa que já causou desprazer faz parte do seu modo de funcionar, e é denominada recalcamto.

Portanto, o psiquismo, no seu primeiro modo de funcionamento, é regido pelo princípio do prazer; “corre” atrás do desejo, e elimina de seu pensamento qualquer vivência que lhe possa ser desagradável. Mas, como a realidade externa vai se impondo, o psiquismo passa a encontrar formas diferentes de evitar o desprazer – ou seja, só catexiza uma idéia se tiver condições de inibir o desenvolvimento do desprazer que dela provenha.

A pessoa vai construindo o seu psiquismo e se constituindo como sujeito. A única verdade psíquica é aquela que foi experimentada, advinda de nossa experiência afetiva e, portanto, a única que podemos comunicar. A forma como cada pessoa organiza o afeto no seu mundo interno, frente a vivências com o ambiente e mais tarde experiências com outros (mundo externo), é o que vai lhe dar sua singularidade. Mas como vai sendo construído esse psiquismo?

Muitos fatores participam desse processo, mas penso que principalmente a fase narcísica seja a “base” para que as identificações e a resolução do complexo de Édipo possam ocorrer de forma satisfatória. Um narcisismo “mal” constituído arrasta seqüelas que vão comprometer o desenvolvimento e, conseqüentemente, a qualidade de vida da criança durante toda a sua existência.

Winnicott não se contrapõe a Freud. Ele apenas quer entender como se dá essa fase de narcisismo primário, ou seja, como o bebê humano se desenvolve até que possa chegar à fase do recalque primário e da

identificação primária. Portanto, Winnicott tratou de questões anteriores às tratadas por Freud. Sendo mais ousada, e referindo-me a uma afirmação de Green, diria: “O autor não rompeu com Freud; em lugar disso, completou sua obra” (*André Green e a Fundação Squiggle*, São Paulo: Roca, 2003, p. 56). Entendo essa frase de Green como situando cada autor - cada um se ocupando de questões relativas a momentos diferentes do desenvolvimento e as idéias de Winnicott como continuação das idéias de Freud.

O estado de narcisismo primário é caracterizado pela ausência de relação com objetos externos – um estado anobjetal. O id e o ego não se diferenciaram. Logo, quando nasce, a criança está numa fase de autismo; sente necessidade de dormir o tempo todo. Não há mundo externo.

Ainda dentro do narcisismo primário, a criança passa, aos poucos, para uma segunda fase, simbiótica, na qual ela se “relaciona” com sua mãe, mas de forma não separada. Para o bebê, ele e sua mãe são uma única pessoa. É a mãe que, com seus cuidados, vai criar essa ilusão.

Para entendermos melhor essa fase teremos que recorrer a Winnicott:

O bebê se expressa inicialmente pelo corpo, o soma. A mãe, entendendo o seu bebê, vai representando as sensações para ele, formando assim seu psiquismo. Essa ilusão de fusão é o que vai possibilitar ao bebê ir integrando esses cuidados, num primeiro momento tranqüilizando-o e, após, operando progressivamente uma diferenciação da mãe. A criança passa a perceber como seus o corpo, os afetos e as emoções.

Para que esse processo ocorra é fundamental uma mãe sensível e devotada, que possa distinguir tanto a necessidade de fusão como a de separação de seu filho. É necessário que a mãe propicie um espaço transicional, até que o filho possa se individualizar, permitindo que seja “usada” para suprir as necessidades da criança. Assim, essa criança poderá acumular reservas de confiança básica e narcisismo normal, separando-se da mãe e, confiante, amando não só a ela própria, mas também a mãe e

outras pessoas. Apartada da mãe, a criança se constituirá como sujeito, introjetando objetos bons e identificando-se com eles; terá uma resolução do Édipo satisfatória. A relação mãe/bebê é fundante do ser.

Outras etapas do desenvolvimento são também importantes e podem deixar seqüelas, devendo ser acompanhadas. Falhas, nessa fase primeira, acarretam problemas para todo o resto do desenvolvimento, e deixam marcas mais profundas. É a partir dessa primeira etapa que se forma a base que irá sustentar todas as futuras relações com o mundo externo. Sempre há uma base, mas não necessariamente segura.

Portanto, o narcisismo primário é o investimento de toda a libido da criança em si mesma. Se essa criança puder, por meio de recursos próprios e da habilidade da mãe, se desenvolver sadiamente – tanto física como emocionalmente –, passará para uma fase de narcisismo secundário, ou seja, investimentos libidinais objetais retornarão ao ego, o que pode levar a criança a se enriquecer enormemente.

Winnicott é um autor para quem a importância do outro para outro humano, na sua constituição e na possibilidade de vir a ser sujeito, não só é essencial e fundamental, mas condição. Não só para ele, mas é Winnicott que vai destacar a fundamental importância das primeiras relações humanas no vir a ser de cada ser humano.

O ser humano nasce com um potencial herdado de vir a ser ele mesmo. Ele anseia pelo próprio devir. É na elaboração imaginativa de seu corpo e na maneira como seu gesto – “ir ao encontro” – é acolhido que seu psiquismo vai se formando. O que move o psiquismo é o anseio por ser, diferentemente do que afirmava Freud ao “colocar” no desejo o motor do psiquismo – nesse caso, note-se, ele se referia a um psiquismo já constituído.

Winnicott sustentava o ponto de vista que, sendo o trabalho de Freud o pioneiro, esse era um lugar tido como garantido, de onde seus sucessores podiam avançar para novos territórios e que só dependia de nós usarmos ou não o legado por ele nos dado. Winnicott sempre se sentiu livre para usar esse legado e o usou com respeito e originalidade.

O Início, em Winnicott - O Outro absolutamente  
necessário

No início, a relação do bebê com o ambiente é subjetiva; ocorre uma busca de satisfação de necessidades e um vínculo de dependência absoluta do ambiente, passando-se, depois, a uma dependência relativa, até chegar-se à independência. Penso, no entanto, que até o final da vida o ser humano nunca se torna completamente independente; a necessidade do outro jamais se extingue, desde o nascimento até a velhice. A mãe vai apresentando o mundo externo ao bebê, no seu devido tempo, e operando a transição até que os objetos subjetivos possam ser percebidos objetivamente, diferentes e separados dele próprio.

Em seu texto “Ansiedade associada à Insegurança” (1952), Winnicott nos diz que a capacidade para a relação de um corpo único (eu) vem depois do relacionamento de dois-corpos (mãe e bebê), por meio da introjeção do objeto (o objeto subjetivo, ou seja, um objeto da necessidade).

É comum pensarmos que, antes da existência de uma relação entre dois-corpos objetos, haja a relação de um corpo só, uma relação auto-erótica. Mas não é exatamente assim. Então, o que precede a relação do eu consigo mesmo?

A capacidade de poder se relacionar consigo mesmo é uma aquisição que se segue a uma relação de dois-corpos, e depois de três, desde que tenha se tratado de uma relação que pôde proporcionar um

segurar com segurança, um suporte garantido, conseqüência de uma adequação às necessidades do bebê.

Diz Winnicott:

“O que, então, precede a primeira relação de objeto? Pessoalmente, lutei muito tempo com esse problema. A luta teve início quando me ouvi dizendo aqui, nesta Sociedade (há uns dez anos), e dizendo-o de modo enfático e acalorado: ‘Isso que chamam de bebê não existe’ [*There is no such thing as a baby*]. Fiquei alarmado ao me ouvir pronunciar essas palavras, e tentei justificar a mim mesmo o que disse, apontando o fato de que, se vocês me mostrarem um bebê, mostrarão também, com certeza, alguém cuidando desse bebê, ou ao menos um carrinho ao qual estão grudados os olhos e ouvidos de alguém. O que vemos, então, é a ‘dupla amamentante’ [*nursing couple*].”

Winnicott, nesse momento (1952), se diz um pouco mais tranqüilo em relação a essa questão, e nos conduz à idéia de que, antes das relações de objeto, as coisas são assim: a unidade não é o bebê, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo.

Esse contexto ambiente-indivíduo é um entorno para um bebê singular e só para esse bebê ele será adequado. Cada bebê é único, e portanto cada ambiente só será “bom” se puder ser próprio de cada bebê, e para cada bebê. O centro da gravidade do ser não surge no individual; ele se encontra na situação global. O bebê é esse contexto, e torna-se importante que o espaço ambiente-indivíduo seja instalado, já que esse lugar possibilita o desenvolvimento físico e emocional do bebê, a integração e o alojamento da psique no corpo, e o estabelecimento da realidade externa. Essas são as tarefas – ou melhor, o desafio – desse contexto ambiente/indivíduo.

Do ponto de vista do observador, onde está um bebê sempre haverá alguém cuidando dele e de quem ele é profundamente dependente. Já o bebê não pode se dar conta disso. E, para que alguém possa cuidar do bebê, sempre deverá haver alguém que cuide de quem cuida dele. Portanto,

sempre que me referir à mãe, estarei incluindo o pai “suficientemente bom”, elemento necessário para que essa mãe seja “suficientemente boa”. E ela, diversamente do bebê, sabe que existe outra pessoa, diferente dela, com a qual ela pode contar e que irá ajudá-la nessa tarefa amorosa de acompanhar o desenvolvimento de uma criança.

Só por meio do cuidado suficientemente bom, das técnicas, da sustentação (*holding*) e do manejo geral é que essa unidade ambiente-indivíduo pode ser estabelecida. A casca passa a ser gradualmente conquistada, e o cerne – o qual foi olhado por nós, todo o tempo, como um bebê humano – pode começar a se individualizar.

É importante destacar a importância dos cuidados suficientemente bons para o bebê, sem os quais, como diz Winnicott, “o novo ser humano não teria chance alguma”. É a partir dos cuidados adequados que ele pode se desenvolver, com origem no cerne e não na casca: “Uma entidade a partir do centro pode localizar-se no corpo do bebê, começando assim a criar um mundo externo, ao mesmo tempo em que adquire uma membrana limitadora e um interior” (1952, p.166)

O cerne ou núcleo é aquilo que de mais verdadeiro existe em cada um de nós. É nossa vitalidade, o potencial de desenvolvimento do nosso sempre vir-a-ser. É onde o *self* tem sua origem, e a partir de onde ele começa a se desenrolar. É o lugar da “íntima intimidade” (Heitor O’Dwyer de Macedo), do sentir-se real, do sentimento de sermos nós mesmos.

Mas, para que esse potencial de “vir a ser você mesmo” se efetive (e isso durante toda a vida), condições ambientais específicas terão que estar presentes. Em cada fase da existência, condições distintas terão que ser atendidas; no início da vida, dependemos absolutamente de condições ideais, e com o correr do tempo essa dependência vai se relativizando, até se alcançar uma independência – que penso ser também relativa. O ser humano sempre terá com o meio e com os outros uma relação importante e fundamental: de necessidade ou uso, de desejos e contribuições.

Mas nada sólido pode ser construído sem se alicerçar em base segura. Todas as fases são importantes, mas é nos primeiros tempos de vida que essa base deverá ser assentada; de outro modo, todo o desenvolvimento ficará comprometido, senão estagnado. E essa base sólida só poderá ser construída junto a um outro, um outro vivo, comprometido e sensível a esse ser singular e em constituição.

Toda criança tem uma linha de vida que começa no nascimento e deve ser zelada para que não se quebre. Há um processo contínuo de desenvolvimento interior, e para que ele seja constante o cuidado com a criança terá que permanecer constante (Winnicott, 1982).

Esse início de vida é potencialmente terrível, em razão de ansiedades muito intensas e do estado paranóide que ocorre logo após a primeira integração e depois dos primeiros acontecimentos instintivos, o que leva o bebê a perceber um novo significado nas suas relações de objeto. As técnicas do cuidado suficientemente bom neutralizam a perseguição externa, e previnem os sentimentos de desintegração, a perda de contato entre a psique e o soma e a mudança do centro de gravidade do ser – do núcleo para a casca, do indivíduo para o ambiente. Voltarei a falar dessa questão.

Existem alguns tipos de ansiedade bastante primitivas, que podem ser evitadas num ambiente onde o bebê é levado em conta. Um bebê se sentirá muito mal quando o ambiente falhar em atender suas necessidades, ou seja, se ele não puder ser adequadamente segurado. A matriz do *holding* é o segurar a cabeça; passam-se alguns meses, após o nascimento, até que se possa segurar um bebê sem que sua cabeça precise ser sustentada. Ninguém poderá ensinar uma mãe a segurar o seu bebê; essa é uma tarefa bastante especializada, e para a qual ela foi se preparando naturalmente durante a gravidez, ou seja, dá-se uma quase perfeita identificação com o filho. E a riqueza está aí, no ato ser natural e não aprendido – é uma

capacidade verdadeira. A esse estado da mãe, Winnicott dará o nome de preocupação materna primária.

O bebê, por sua vez, também “se prepara” para o nascimento, como a mãe. Isso se traduz no desenvolvimento de sua prontidão física e em sua vitalidade e motilidade, que lhe possibilitam ter alguma noção do entorno no qual está inserido, o útero. O bebê vai “conhecendo” sua mãe, seu calor e seus batimentos cardíacos, entre outras coisas. Esse conhecimento em duas vias possibilitará uma sintonia entre mãe e bebê, uma comunicação, e a isso Winnicott dará o nome de mutualidade.

Essa comunicação e sintonia será fundamental, para que a mãe possa exercer seu papel quando o bebê nascer, que é o de acolher e ser empática às necessidades do seu bebê.



Winnicott (1988) nos diz que, desde a concepção, ainda no útero da mãe, o bebê tem condições de perceber sensações, de ter experiências e acumular memórias corporais e até mesmo de organizar defesas contra possíveis traumas. O trauma, para Winnicott, é entendido como uma falha do ambiente, que se torna intrusivo quando deixa de cumprir sua missão de se adaptar, obrigando o bebê a reagir a essa falha e acarretando, com isso, uma interrupção da continuidade de ser, ou seja, uma suspensão no seu desenvolvimento. A interrupção da continuidade de ser leva a uma sensação de aniquilamento e a agonias impensáveis. Só existem duas alternativas para o bebê: o ser ou a sensação de aniquilação. Não podendo ser, frente a sensação de aniquilamento, o bebê reage, protegendo-se - uma falsa crosta para defender o seu ser.

Quando o bebê nasce, já tem sua capacidade própria – ou incapacidade – de lidar com a transformação radical que ocorre nesse momento: a mudança de não ter ainda nascido para se tornar um ser que nasceu. É uma ocasião de sensações intensas e, portanto, um momento em que o bebê está lá para ser levado em conta por outros humanos, que irão constituir o entorno que irá receber e “agasalhar” o bebê. A forma como o bebê é acolhido vai fazer toda a diferença no seu desenvolvimento, e suas raízes vêm de bem antes da concepção. Trata-se de um bebê singular, com

capacidades e potencial inatos, mas também com uma tradição: uma herança psíquica familiar.

Na introdução do livro “Do Amor ao Pensamento”, H.O. Macedo (1999), o autor, nos diz:

“Não se pode pensar em um indivíduo humano sem referi-lo ao meio humano, ou seja, cultural, que o acolhe em seu nascimento. Os antropólogos, graças ao seu trabalho, muito nos ensinaram acerca do que veio a ser esta evidência. Sendo assim, antes de nascer, um sujeito pertence a um mundo, com seus valores, leis, riqueza e impossibilidades, que já estão aí e o esperam. Neste sentido, encontrar o mundo é sempre reconhecê-lo, ao mesmo tempo, como estranho e familiar, para traduzi-lo nos termos atuais de nossas existências. Em outras palavras, encontrar o mundo é transformá-lo ao mesmo tempo em que ele nos transforma.”

E continua:

“É pelo entorno imediato do recém-chegado que este mundo que o espera lhe é ‘apresentado’. Antes mesmo de existir, aquele que está chegando possui um lugar nesse entorno, lugar feito do desejo dos pais, das imaginações a seu respeito e da herança psíquica que, para melhor e para pior, lhes foi transmitida ao longo das gerações sob a forma de lendas familiares, violências reais ou mutismos acerca de acontecimentos essenciais acerca de sua história.”

Porém, é importante frisar que, antes de ser apresentado ao mundo, o bebê só se sentirá existindo quando perceber que há hospitalidade nesse mundo, e que o ambiente pode acolhê-lo. O bebê precisa ter nascido para alguém.

Gilberto Safra (2002), cujas investigações e cujo trabalho clínico são embasados em Winnicott, nos dá mais uma contribuição com as reflexões de seu texto “O Gesto na Tradição”. O autor discorre sobre o gesto do bebê, que produz o que está ali para ser criado: a herança psíquica familiar (p. 827).

Safra assevera que o nascimento de uma criança não é apenas um nascimento biológico, mas também um acontecimento neste mundo:

“A criança nasce afetada pela história de seus ancestrais, pelo encontro com os contemporâneos, impulsionada àqueles que virão. O bebê humano, a fim de que possa iniciar a constituição do seu *self*, necessita de que alguém no mundo humano seja o seu anfitrião e acolha seu gesto que constitui o início de si mesmo. Esse gesto cria o que está lá para ser criado, questão paradoxal, fundamental da origem do *self*. É importante ter claro que o gesto, que inaugura a possibilidade de ser, coloca-se posicionado em direção à presença humana, posicionada no lugar da ação do bebê. Ilusão constitutiva, em que o que é criado é não só uma presença humana, mas também uma situação humana, histórica, ali estabelecida no berço da criança. O gesto criativo acontece em um determinado contexto histórico, em um determinado contexto transgeracional. Dessa forma, a criatividade assim colocada cria o já existente e também alcança o que está posicionado para aquela criança dentro da história familiar.” (p. 828)

Portanto, o bebê “cria” a sua mãe, mas, no nascimento, a herança psíquica familiar está posta – esse bebê já está destinado a algo. Safra nos fala de três situações que irão, desde o nascimento, afetar de forma singular o percurso de cada indivíduo em sua existência. Essas três situações implicam ou uma missão, ou um enigma, ou uma questão. Discorrerei rapidamente sobre cada uma delas.

Ter uma missão desde o nascimento significa haver em relação ao bebê uma expectativa de que, de alguma maneira, ele possa resolver um dado problema para a família ou comunidade. Assim, esse é um elemento que impede o desenvolvimento e o processo de singularização dessa criança.

Nascer em uma situação de enigma é ter que dar conta de algo que não é formulado e, portanto, não pode ser destinado, dito ou pensado. A situação enigmática suspende a possibilidade de um devir:

“A missão impede, enquanto o enigma suspende e enlouquece” (Safra, p. 829).

A terceira situação, segundo Safra, é aquela que envolve uma questão. Essa situação estabelece o bebê numa posição de devir, de continuar sendo. Uma família pode, ao longo das gerações, se posicionar frente às suas questões e àquelas do destino humano. Essa atitude coloca tais questões em jogo, em trânsito; trata-se de experiências em transicionalidade. Diferentemente de uma situação de impedimento (missão) ou de suspensão do vir-a-ser (enigma), nesse caso o vir-a-ser está efetivamente acontecendo.

Voltando ao texto de Winnicott, o nascimento normal, para ele, é aquele onde a mudança do estado de não nascido para o de já ter nascido não é traumática. Isso implica, em termos da psicologia do bebê, três principais características.

A primeira é o fato de o bebê viver a experiência de uma descontinuidade de ser, mas já alcançar uma certa capacidade para tolerá-la. Tal ocorrerá se não foram experiências resultantes dessa descontinuidade de ser por demais traumáticas, ou seja, se não tiverem sido além da capacidade do bebê de suportá-las.

A segunda característica é o bebê já possuir memórias de sensações e impulsos que são fenômenos próprios do *self*, por pertencer a momentos de continuidade de ser, e não de reação.

A terceira característica tem a ver com o parto em si. É necessário que ele tenha se dado no “tempo certo” – nem longo demais, nem precipitado. O “tempo certo” é o tempo que o bebê sente como suportável. Com a gestação completa, o bebê está pronto para a mudança do estado intra-uterino para o de recém-nascido. Do ponto de vista do bebê, essa transformação é provocada por ele próprio, e não pelas contrações uterinas, pois nesse momento a necessidade é nascer, e ele está biologicamente preparado para

essa mudança. Um nascimento que se retarda é fato experimentado pelo bebê como situação adversa.

É a partir da prontidão e saúde física que o desenvolvimento pode começar.

## A Vivência do Nascimento - O Ambiente não

### **intrusivo**

No processo de nascimento, algumas situações adversas e inevitáveis ocorrerão, o que irá exigir do bebê a capacidade de suportá-las. Do ponto de vista do bebê, essas intrusões não podem estar acima da sua aptidão a tolerá-las, e não devem vir de encontro às suas necessidades de estar vivo. Nesse momento, o bebê precisa começar a respirar; retardar a respiração acarretará agonia e sensação de aniquilamento, de descontinuidade de ser. O tempo certo é o tempo do bebê.

O tempo certo para cada bebê será a matriz de sua relação com o tempo; poder tolerar a espera se vincula à experiência de poder prever um fim para essa espera. Ninguém consegue aguardar algo indefinido ou infinito. Um adiamento do nascer e do respirar, acima da capacidade do bebê de suportá-lo, será sentido como uma espera sem fim, ou o próprio fim.

Winnicott (1949) vai diferenciar as experiências do nascimento. Ele vê essas experiências como positivas, já que elas podem promover o fortalecimento do ego e estabilidade em relação às situações nas quais o

bebê precisará reagir às intrusões ambientais prolongadas – para ele, eventos traumáticos. A vivência do nascimento poderá ser tão suave que terá relativamente pouca significância, diferentemente de um parto anormal – em termos de antecipação ou demora –, que se torna um trauma e, aí sim, terá bastante relevância. “O parto normal não é traumático em função de sua não significância” (p. 265). A não significância deve ser entendida não como um fato sem importância, mas como algo que ainda não tem significado para o bebê. Nesse momento, significar o ambiente é prematuro, e por isso traumático.

Antes do nascimento, pode haver vivências repetidas e momentâneas em que a predominância é do não eu, ou seja, da intrusão do ambiente. À medida que o parto se aproxima, esses momentos tendem a se suceder mais e mais vezes, principalmente se o parto for demorado. Portanto, em condições naturais, “a experiência do nascimento é um exemplo exagerado de algo que o bebê já conhece”. Antes do parto, o bebê já está preparado para uma certa intrusão ambiental, o que o capacitará para o trabalho de seu nascimento, quando o ambiente irá se sobrepor a ele; mas também já há a experiência de poder retornar a um estado em que não é preciso reagir, no qual o ambiente se dilui e só o bebê existe. Esse “retorno” a um estado de não reação terá que se dar logo após o nascimento, propiciado por um ambiente que se adapta às necessidades desse bebê, gerando uma condição onde as reações não serão necessárias, e na qual o bebê pode começar a ser.

Precisar reagir, nessa fase da vida, é sempre uma vivência de descontinuidade de ser. O outro, sensível ao bebê e a suas necessidades (que, nesse momento, são de adequação total), é, portanto, invisível. Se o outro se presentificar, será sentido como uma intrusão.

No mesmo texto ao qual nos referimos anteriormente, Winnicott se reporta a uma fala trazida por uma paciente sua, em que ela, como bebê, é comparada a uma bolha:

“No início, o indivíduo é como uma bolha. Se a pressão externa adapta-se ativamente à pressão interna, o elemento central da situação será a bolha, ou seja, o eu do bebê. Mas se a pressão do ambiente for maior ou menor que a do interior da bolha, então a bolha não será o elemento principal, e sim o ambiente. A bolha adapta-se à pressão externa” (p. 264).

Essa paciente nunca havia vivenciado a experiência de ter sido segurada por uma mãe viva, atenta e com prontidão para uma adaptação ativa a partir de sua capacidade de devoção; portanto, a paciente não tinha memória desse fato. Em um texto posterior (1956), Winnicott fará um estudo aprofundado desse estado de sensibilidade extrema da mãe, que denominará “preocupação materna primária”.

Se a pressão não for apropriada, ela invade e não confere o contorno. O entorno adequado é o que proporcionará o contorno e a separação do eu/não eu e do mundo interno e externo. É o entorno que dá o contorno ao lugar onde fica abrigado e protegido o cerne de todos nós.

Acompanhando essa idéia, o texto de Winnicott “Os Estados Iniciais” (1999) fala de um bebê inserido em um meio vital onde sua vitalidade pode ser exercitada. Fazendo-se um paralelo com a vida intra-uterina – onde o bebê fica protegido por nove meses, condição *sine qua non* de existência –, nos estados iniciais após o nascimento o ambiente adquire sua importância máxima, e não pode ser deixado de lado, seja na teoria ou na prática (p.126).

Winnicott sustenta poder afirmar, com uma certa certeza, que bebês cujo nascimento foi retardado após a prontidão para nascer mostram evidências de que ficaram tempo demais no útero; por outro lado, bebês prematuros apresentariam uma pobre capacidade para as experiências de ser humano. Winnicott também assegura que não há dúvida alguma sobre o tempo certo para o bebê nascer, do ponto de vista psicológico: trata-se mais ou menos do tempo coincidente com o da prontidão física, ou seja, findados os nove meses necessários à gestação.

Antes do nascimento, o bebê já tem condições de reter memórias corporais, pois existem evidências de que, a partir de uma certa data anterior ao nascimento, nada do que um ser humano vivencia é perdido. É sabido que os bebês movimentam-se dentro do útero; a mãe pode sentir esses movimentos e “chutes”. Tais movimentos, para Winnicott, se dão a partir do sexto mês de gravidez (na minha experiência, no fim do quarto mês), e é provável que, nessa mesma época, já exista uma organização central, no bebê, capaz de notar essas experiências.

Winnicott postula um estado de ser no bebê normal, já antes do nascimento e também logo após. Esse estado de ser pertence ao bebê, não ao observador. A continuidade de ser significa saúde.

Voltando-se à analogia com a bolha – inspiração da paciente de Winnicott –, diga-se que, se a pressão externa é adaptada à pressão interna, a bolha pode continuar existindo; quanto ao bebê, poderíamos nos referir a ele como “sendo” (*being*).

Por outro lado, se a pressão não for adequada, maior ou menor que o necessário, a bolha reagirá a essa intrusão, modificando-se a partir do ambiente, e não de seu impulso próprio.

Com o bebê se dará a mesma coisa: para reagir à intrusão do ambiente, ele interrompe o “sendo”. Cessada a intrusão, haverá um retorno ao estado de “sendo”.

Podemos imaginar um bebê inserido no útero, ou num ambiente, em isolamento absoluto (essencial) do seu individual e singular, pertencendo a uma unidade formada pelo “ambiente-indivíduo”.

A partir dessa solidão essencial, o contato será feito ou pela porção vital do bebê, ou pela parte inquieta, ou impaciente, do ambiente.

Se a adaptação do ambiente estiver próxima do perfeito, o próprio movimento do bebê vai descobrir o ambiente. Repetido esse fato, ele se tornará um padrão de relacionamento. No entanto, se a adaptação ao bebê não for suficiente, o movimento será do ambiente e será sentido pelo bebê como algo que não tem nada a ver com ele – portanto, como um movimento intrusivo. Se essa situação se repetir, tornar-se-á também um padrão de relacionamento, mas obviamente com outros resultados. Quando o movimento se dá ativamente, pela vitalidade do bebê, as experiências são percebidas como parte da vida; o mesmo não acontece, porém, quando as experiências são de reação à intrusão. A sensação de um viver verdadeiro é subtraída, e esse viver verdadeiro só poderá ser recuperado com a volta ao isolamento.

A função de adaptação – “ad-apta” = tornar apto para a vida, dar aptidões mesmo em condições adversas – é do ambiente. Ou seja, não é o bebê quem tem que cuidar do ambiente e se adequar para continuar vivo, e sim o contrário.

A partir dessas idéias, fica claro que o papel do ambiente é fundamental desde muito cedo na vida – e, quanto mais cedo, mais fundamental. O ambiente será determinante para lançar novas experiências ou para que o bebê se retraia, para se reassegurar de que a vida vale a pena.

Com base nos conceitos de “sendo”, continuar “sendo” e interrompendo o “sendo”, e de retorno ao “sendo”, pode-se dizer que, algum tempo antes do nascimento, o bebê está apto a experimentar, desde que não lhe sejam longos demais, esses momentos de reação às intrusões. Quando nasce, já pode adquirir uma certa capacidade de lidar com situações de intrusão e de retornar ao estado de “estar sendo”.

O bebê não tem motivo algum para possuir consciência do ambiente quando ele é adaptado ao que lhe é singular, a suas necessidades. O bebê ainda não sabe que esse bom ambiente é absolutamente essencial para seu

desenvolvimento natural de vir-a-ser; o bebê ignora que começa a viver e que é dependente do ambiente. Esse ambiente é desconhecido pelo bebê; ao mesmo tempo, sem ele o bebê não pode se desenvolver; a sua dependência do ambiente é absoluta.

Está claro que são a mãe – sensível às necessidades do bebê – e todos os que cuidam dela e do bebê – pai, avós, médico, enfermeiros, pediatra – aqueles que proporcionarão essas condições adequadas.

O outro Extremamente identificado com o Bebê

---

Voltando-se ao texto de 1956, Winnicott fala da existência de uma identificação – consciente, mas também profundamente inconsciente – que a mãe tem com seu bebê, e também de uma intensa diferença psicológica entre eles. De um lado, há uma mãe extremamente identificada com seu bebê, e do outro um bebê fortemente dependente dessa mãe, o que não implica identificação, já que o fenômeno da identificação é bastante sofisticado para os primeiros estágios de vida.

A mãe, nos primórdios de vida de seu bebê, ocuparia um estado psicológico especial, talvez psiquiátrico – configuraria uma doença em outro contexto –, de extrema identificação e, portanto, de fortíssima sensibilidade às necessidades do filho, uma devoção total. Esse estado vai se instalando de maneira gradual durante a gravidez, e nas semanas próximas ao parto apresenta sua forma mais exacerbada.

Essa condição organizada, diz Winnicott, “poderia ser comparada a um estado de retraimento, ou de dissociação, ou a uma fuga, ou mesmo a um distúrbio em um nível mais profundo, como por exemplo um episódio esquizóide, onde um determinado aspecto da personalidade toma o poder temporariamente” (p. 401).

A mãe deverá alcançar esse estado, mas terá que ter saúde suficiente para depois sair e recuperar-se dele, conforme o bebê a for liberando. Penso que a recuperação dessa “doença normal” nunca será total.

Esse estado da mãe, nessa fase, corresponde ao estado do bebê, que já tem uma constituição: tendências inatas ao desenvolvimento, motilidade e sensibilidade, e instintos. Uma mãe no estado de “preocupação materna primária” irá possibilitar que o bebê manifeste a sua constituição, vá em direção ao seu desenvolvimento, tenha movimentos espontâneos e consiga apropriar-se de suas sensações. A continuidade do vir-a-ser da criança deve ser pouco perturbada, pois a intrusividade do ambiente obriga o bebê a reagir, o que interrompe a continuidade de estar sendo. Reações em demasia, acima da capacidade do bebê de suportá-las, não vão causar frustração (o bebê ainda não desenvolveu essa capacidade), mas serão sentidas como uma ameaça de aniquilação, uma ansiedade muitíssimo primitiva e muito anterior à ansiedade provocada pela idéia de morte. É uma aniquilação do eu do bebê; ele deixa de existir.

A mãe, ao fornecer condições para que a continuidade de ser do bebê não se interrompa além da conta, dará sustentação para a tarefa das várias integrações a que estamos fadados durante toda a vida. São as primeiras integrações que darão a base para o estabelecimento do ego. Inicialmente, as necessidades são corporais; trata-se de sensações que, se atendidas, podem ser elaboradas imaginativamente, o que permite o emergir de um psiquismo. Gradualmente, as necessidades passam a ser do ego.

A capacidade da mãe de se adequar às necessidades do bebê não será apreendida por ele; tampouco as falhas serão sentidas como vindas dela, e sim como ameaça à existência dele. A constituição inicial do ego, portanto, irá se fazendo de forma silenciosa. As suas primeiras organizações se darão a partir de experiências de ameaça de aniquilação que repetidamente não chegam a acontecer; promove-se, então, uma nova experiência, que é a de poder recuperar-se e, paulatinamente, ir

desenvolvendo confiança cada vez maior nessa possibilidade de recuperação. Isso, no futuro, determinará uma maior ou menor tolerância às frustrações. Como já dito, o bebê ainda não pode dar-se conta da profunda dependência que tem da sua mãe e de seus cuidados.

A mãe seria a pessoa ideal para cuidar de um bebê, pois é ela quem tem maior possibilidade de atingir esse estado que fornece ao bebê um ambiente de “preocupação materna primária”. Somando-se a isso, ela traz lembranças da experiência de ter sido um bebê e de ter sido cuidada por alguém.

Quando o bebê nasce, se não for muito inadequada, a mãe sabe muitíssimo bem quais as necessidades de seu bebê, das mais óbvias às mais sutis. Para a adequação às necessidades do bebê, Winnicott usa a palavra “*holding*”, “segurar” num sentido ampliado, referindo-se a tudo aquilo que uma mãe é, e faz, nesse período de total devoção a seu filho – e de forma bastante natural, frise-se. E é fundamental que seja assim, que não haja interferências na naturalidade dessa relação, que se trate de um vínculo humano e pessoal. Se a mãe for saudável, naturalmente tudo dará certo, as bases da saúde física e mental do bebê serão assentadas e as primeiras experiências de integração irão ocorrendo.



## O outro exercendo a função de *holding* e manejo

---

O termo “*holding*” inclui tudo aquilo que a mãe faz para o seu bebê; o manejo é a maneira como ela o faz. O segurar inclui o largar, no momento, na forma e no tempo certos, conforme a necessidade do bebê. Nesse estado temporário de extrema identificação com o bebê, a mãe mais ou menos sabe, sem precisar pensar, o que o bebê necessita. Ela faz isso, na saúde, sem perder sua própria identidade. O toque é parte do *holding*. A mãe, com seus cuidados, toca o bebê, e é a sua forma de tocar o bebê o que vai possibilitar a instalação da psique dentro do corpo da criança.

A mãe, com devoção e consistência, pela sua empatia, vai “sustentar” seu bebê. O *holding* inclui especialmente o cuidado físico, que é a forma de amar e de demonstrar amor ao bebê. O ego da mãe dá sustentação ao ego ainda fraco do bebê, que ainda terá que ser integrado.

A pele, obviamente, dá contorno ao corpo e separa o que é interior e exterior; é ela que vai ser a moldura de um corpo que, por ter contorno, pode abrigar um psiquismo. E, mais uma vez, só por meio de cuidados suficientemente bons é que a localização da psique no corpo pode

acontecer. No início, corpo e psique não estão integrados, e essa integração deverá ser alcançada (personalização).

A tarefa de todos nós é ir integrando aspectos, constituindo-nos como unidade, com um *self* individual, com um eu discriminado de um outro. O trabalho de integração é para toda a vida; as sensações corporais, tanto as internas – dos órgãos – como as externas – do outro –, se darão durante toda a existência.

No início, há um estado original de não integração (Winnicott, 1999). Não ocorre ligação entre corpo e psique, e não há lugar para uma realidade não-eu.

As primeiras necessidades do bebê são corporais; da elaboração imaginativa dessas sensações corporais, um psiquismo passa a se organizar, e gradualmente elas se transformam em necessidades do ego. O bebê começa a integrar as sensações somáticas com as imagens que surgem das sensações.

O ego se organiza a partir de ameaças de aniquilamento que não chegam a se dar, e das quais o bebê se recupera – a mãe deve ir dosando as suas falhas conforme a capacidade do bebê para suportá-las. Essas experiências vão dando a ele confiança na recuperação, e propiciando gradativamente a capacidade do ego de tolerar frustrações.

A psique existe desde o começo da vida, ainda que, cronologicamente, o corpo venha primeiro. A psique é a capacidade imaginativa não simbólica, não representacional. Já no útero, o bebê está apto a usar a imaginação, que é esquematizante do corpo. A mente, como função, é a integração do corpo e da psique. “A palavra psique significa elaboração imaginativa dos elementos, sentimentos e funções somáticos, ou seja, da vitalidade física” (Winnicott, 1949, p. 332). A psique depende da existência de um cérebro saudável; o existir é psicossomático. Quando não é possível operar essa integração, o indivíduo fica privado de viver sua

própria existência e adoce, em uma nova tentativa de fazer essa integração.

Antes de se poder sonhar, a elaboração imaginativa é a totalidade da vida psíquica – trata-se da vida psíquica primitiva. É ela o que dá compreensão ao corpo, o que lhe confere um sentido.

Quando o bebê nasce, há um estado de não integração, sem vínculo algum entre psique e soma. Não existe uma realidade não-eu.

Winnicott (1945) postula uma não integração primária, já que a integração começaria somente após o início da vida pós-nascimento (p. 223)

Assim que a criança nasce – e talvez antes, no útero e durante o nascimento –, por meio dos cuidados recebidos seu corpo vai sendo afetado por um outro. O bebê é banhado por sensações provindas do corpo do outro – cheiro, calor, pulsação –, e vai elaborando essas sensações, ou seja, vai integrando-as em sensações próprias. Nascem o psiquismo e o campo subjetivo.

Teoricamente, o estado de não integração é o estado original; mas, na prática, isso não é verdade: o que se observa é um bebê sendo cuidado, ou seja, amado, fisicamente amado. A adaptação às suas necessidades é praticamente total (Winnicott, 1988, p. 131).

No começo não há caos, e sim um estado de não integração, que não é caótico. A desintegração, sim, é caótica.

A idéia de caos pressupõe ordem, como a escuridão presume luz. Bem no início, antes que cada ser individual e singular crie o mundo de novo, a seu modo, há simplesmente um estado de ser, e uma incipiente consciência da continuidade de ser e da continuidade da existência no tempo.

O caos primeiro é a quebra da linha de ser, e a recuperação dessa quebra ocorre pela reaquisição da continuidade. O caos aparece quando, devido a uma falha do ambiente, uma reação a essa falha interrompe a continuidade de ser, principalmente se a interrupção for demorada. Se ela estiver além da tolerância possível, uma certa quantidade de caos passará a fazer parte da constituição.

Existe, sem dúvida uma tendência biológica em direção à integração (p. 116). Não é com base na desintegração que se pode entender a integração; é preciso postular um estado de não integração, a partir do qual a integração tomaria lugar. O bebê que nós conhecemos como uma unidade, protegido no útero, ainda não é uma unidade em termos de um desenvolvimento emocional. Se olharmos do ponto de vista do bebê, os estados de não integração acompanham um estado de não consciência.

Teoricamente, no início o estado é de não integração, uma falta absoluta da idéia de totalidade no tempo e no espaço. Nesse começo não há qualquer consciência. Quando se fala em impulsos e sensações, já se está longe desse início, pois o centro de gravidade do *self* mudou de impulso ou sensação para o outro. O início se dá, certamente, em data anterior ao nascimento.

Fora dos estados não integrados, a integração ocorre por breves períodos, e só gradualmente um estado geral de integração se torna um fato. Fatores internos – como as urgências instintivas e a expressão da agressividade – conduzem à integração, cada um desses fatores precedido por uma aglutinação do *self* como um todo. Nesses momentos, a consciência é possível; já há um *self* para tomar consciência. A integração é também promovida pelo cuidado ambiental.

Uma das tarefas da mãe, nesse início, é possibilitar que o bebê atinja uma integração. Winnicott postula um estado de não integração a partir do qual a integração se produziria. Essa integração iria se operando por breves momentos e, aos poucos, se transformando em fato. O bebê, apto a integrar

as sensações corporais e as diversas funções de cuidado, que nesse momento são da mãe, iria constituindo um ego. Só existe um ego quando o bebê pode se separar da mãe, e só há um id a partir da constituição do ego.

Winnicott (1962) afirma que o termo “ego” pode ser usado para descrever o aspecto em desenvolvimento da personalidade humana que tende, em condições favoráveis, a tornar-se integrado em uma unidade.

Antes de ter um ego constituído, o bebê ainda não é uma pessoa inteira e separada das outras; é importante para ele, portanto, poder contar com o ego auxiliar da mãe, permitindo-se assim que ele se relacione com seus objetos subjetivos, aqueles que ele criou. As vivências instintivas ainda não são captadas como experiências; o bebê ainda não é uma entidade que possa ter experiências – não há ego. Winnicott chama de vivências tudo aquilo que é sentido antes que um ego próprio esteja constituído. Só então as vivências passam a ser sentidas como experiências.<sup>3</sup>

Winnicott, nesse mesmo texto, lança uma questão: “Não há um ego desde a saída [nascimento]?” *“Is there no ego from the start? The answer is that the start is when the ego starts.”* E ele nos lembra que o começo é uma soma de começos: *“It is well to remember that the beginning is a summation of beginnings”* (p. 56).

Winnicott usa a palavra “*start*”, diferentemente de “*beginning*” (começo), que possui o sentido de atividade, início de uma jornada. Penso que se trata de uma partida para a vida, da vitalidade que se produz quando se conta com um ego ativo e vigoroso.

Podemos dizer que o bebê se sentirá em pedaços se não estiver em um ambiente que o mantenha inteiro; daí a importância dos cuidados físicos.

---

<sup>3</sup>“ O acontecido não vivido” (Bollas)

Por empatia, a mãe sabe que, quando pegar seu bebê, levará algum tempo nesse processo. O bebê precisa ir sendo “avisado”; as partes do seu corpo são seguradas conjuntamente, e no momento certo ele é levantado. Esse gesto tem um começo, um meio e um fim; ele vai do berço ao colo da mãe.

Se olharmos para trás, até as raízes do início do desenvolvimento emocional, constatamos que, quanto mais no início, a dependência do ambiente será maior. A dependência do ambiente, nesse momento, é tão absoluta que não é possível pensar o bebê como uma unidade (embora já se trate de um bebê singular). Nessa fase, a unidade é a soma do bebê singular com o ambiente do qual depende e que é, portanto, também singular. A dependência do ambiente é tão incontestável que a unidade é o conjunto bebê-ambiente; é nessa unidade que se encontra a semente de todo o futuro desenvolvimento do bebê, e de onde ele emergirá como um indivíduo. Mas o bebê não pode perceber o ambiente; ainda não existe um *self* individual capaz de discriminar entre o eu e o não-eu.

É nesse lugar singular que estão as sementes para todo o desenvolvimento futuro. Mas que lugar é esse do qual emergirá o ser do estado de não ser? Qual é a base em termos de desenvolvimento individual? Qual é esse estado fundamental ao qual todo ser humano, independentemente de sua idade, pode voltar, para então começar de novo?

Como já foi falado, no início há uma solidão essencial. Trata-se de uma condição paradoxal, pois essa solidão só é possível em um estado de extrema dependência e de máximo atendimento às necessidades, o que possibilita ao bebê ser e continuar a ser. Ele não tem consciência dos cuidados e do amor que recebe. No entanto, se o ambiente se impõe, ele deixa de ser, não irá se sentir “acompanhado”.

A solidão é essencial. Portanto, ou há solidão ou não-existência. Do ponto de vista do bebê, ele emerge da solidão. Antes dessa solidão há um estado de não-estar-vivo: “A vida de uma pessoa consiste num intervalo entre dois estados de não-estar-vivo” (p. 132).

Para o observador, onde está um bebê sempre haverá alguém cuidando dele, e de quem ele é profundamente dependente. O bebê não pode se dar conta disso e de sua dependência.

Essa sensível adaptação permite ao bebê a ilusão de que é ele quem cria os objetos de suas necessidades.

## O Outro que se apresenta para ser criado

---

“Tudo o que não invento é falso.”

Manoel de Barros

O outro, agora, tem a função de estar no lugar e no tempo “certos”, para ser encontrado.

Winnicott sugere que imaginemos uma primeira “mamada teórica” (1999). O bebê em um estado excitado – com fome, por exemplo – tem como expectativa encontrar algo, em algum lugar, que possa aplacar seu desconforto. “Mais ou menos no momento certo, a mãe oferece o seio” (p. 120). Ela, com sua devoção e sensibilidade, está preparada para essa tarefa.

“A primeira mamada teórica é representada na vida real pela soma das experiências iniciais de várias mamadas. A partir dessa primeira mamada teórica o bebê começa a ter material com o qual criar” (p. 126).

Com a repetição dessas impressões sensuais de alimentação e o encontro do objeto procurado, o bebê adquire memória, e com o tempo alcança um estado de confiança de que o objeto vai ser achado; assim,

pode gradualmente suportar a falta do objeto. O conceito de realidade externa começa a surgir; trata-se de um lugar de onde os objetos aparecem e no qual, após, desaparecem.

A primeira mamada teórica coincide com a primeira mamada real, mas não com a experiência real. O bebê, face à sua imaturidade, não tem como significar essa primeira mamada como uma experiência emocional. A importância dessa primeira mamada é que, a partir dela, o bebê instituirá um padrão de relacionamento com seus estados excitados; se tudo ocorreu satisfatoriamente – do ponto de vista do bebê –, um contato pode ser estabelecido.

No momento dessa primeira mamada teórica, o bebê já tem algumas expectativas. Quando as complicações não são grandes, algo muito simples acontece: pela vitalidade do bebê e pelo desenvolvimento da tensão instintual, o bebê começa a ter expectativa de algo, e então há um impulso para encontrar esse algo, um movimento do braço ou da boca em direção ao suposto objeto.

O bebê está pronto para criar, a partir de um estado excitado; a mãe, adequada às necessidades do bebê, oferecendo o seio para ser encontrado, permite a ele ter a ilusão de que foi ele próprio quem criou o seio. Criar é ato diferente de alucinar, pois, para alucinar, é necessária a existência de algo a ser lembrado.

Nessa ocasião, o ser humano está na posição de criador do mundo, movido por suas necessidades pessoais. Só gradualmente, se as necessidades puderem ser atendidas, se dará a possibilidade de desejar.

Winnicott presume que exista uma criatividade potencial; no momento da primeira mamada teórica, o bebê já teria uma contribuição a fazer. O mamilo e o leite seriam o resultado de sua idéia e de seu gesto de ir ao encontro de algo que dará conta da sua necessidade. O mundo é criado de

novo por cada ser humano, e o que ele cria depende em muito do que lhe é apresentado pela mãe nos momentos excitados.

Portanto, se o seio é – ou a mãe é –, o bebê pode ser.

O bebê não sabe que o mundo já existia antes dele. Nesse início, ele tem a ilusão de que tudo o que encontra foi criado por ele; mesmo em estágios posteriores, onde a desilusão já pode acontecer, essa criatividade primária a ele pertencerá – fará parte dele enquanto estiver vivo.

É a mãe adequada quem permitirá ao bebê essa ilusão. A mãe que foi capaz de satisfazer as necessidades mais primitivas do bebê tem agora uma nova função: ir ao encontro de cada momento criativo e do gesto do bebê, e esperar ser descoberta. Independentemente da mamada, é muito importante que o bebê possa achar o seio, “e o que a mãe faz é colocar o mamilo exatamente ali e no momento certo para que seja o seu mamilo que o bebê venha a criar” (p. 123).

Do ponto de vista da mãe, “(...) o que a mãe necessita é da chance de ser natural e encontrar seu caminho junto ao bebê” (p. 125). É ela quem portará as sutilezas de entendimento do bebê, em virtude do seu amor verdadeiro por ele. Isso a capacitará a cuidar do bebê de uma forma pessoal, simples, espontânea, que vai ao encontro de suas necessidades e constitui uma base segura e constante – portanto, confiável. A mãe terá que ter um suporte – o pai –, fundamental para que cuide de seu bebê à sua própria maneira.

A mãe capaz de prover as necessidades de seu filho pode esperar para ser encontrada, e, fazendo isso bem, promoverá, na saída da unidade mãe-bebê, uma breve experiência de onipotência para o bebê – uma sensação de “eu posso”.

Quando Winnicott fala das capacidades adaptativas da mãe, não está se referindo à sua mera aptidão para satisfazer os impulsos orais do bebê,

ao dar-lhe a alimentação adequada. Nesse momento, ela não pode estar no lugar do bebê; se assim o fizer, estará violando as funções de ego da criança, bem como algo que, mais tarde, será guardado como um tesouro – o seu *self*: centro da personalidade. O autor usa a palavra “*core*” para denominar centro; mas “centro” na acepção do lugar onde, nas frutas, se localizam as sementes.

O bebê, ao nascer, irá contar com suas capacidades inatas, com sua vitalidade, com sua motilidade e com o ambiente que o acolhe. Esse será seu ponto de partida.

Ele nascerá imerso no ambiente, que irá se tornando seu; é desse seu ambiente que ele emergirá – se tudo correr bem – como pessoa inteira, separada e diferente das outras – ou seja, apto a diferenciar a realidade externa da interna, a operar a integração do *self* como unidade a partir de um estado de não integração, e a promover o assentamento da psique no corpo.

Quanto mais voltarmos no tempo, ao início de vida de cada ser humano, mais e mais o ambiente será importante, e maior será a relação de dependência. No começo, o ambiente é condição de existência; a dependência é absoluta. Só na maturidade a capacidade de contribuir e responsabilizar-se pelo ambiente será adquirida.

Um bom ambiente é aquele que perdura durante um espaço de tempo; deve se tratar de um ambiente de suporte e amparo, para que o bebê tenha a sensação e a confiança de existir e poder continuar a existir. O ambiente sustentador proporcionará um bom ponto de partida para a vida, em direção à maturidade e, após, à velhice.

Durante toda a vida, até a morte, sempre estaremos frente ao desafio de sermos existentes. Todas as sensações e experiências se dão primeiro corporalmente. Integrar aos poucos a psique e o soma é uma das tarefas do ser humano. A psique é a possibilidade de elaborar imaginativamente as

sensações, e com isso constituir um ponto central, de onde o *self* irá se desenvolver; um *self* alojado no próprio corpo. No entanto, isso só poderá acontecer de forma satisfatória com base na continuidade do ser, ou seja, se a continuidade do ser não for interrompida. Isso será garantido, no início, pelo ambiente humano suficientemente bom, o ambiente onde a mãe está presente de uma forma consistente.

Por meio do desejo mágico, o bebê tem a ilusão de um poder criativo mágico; e a onipotência é um fato gerado pela adaptação sensível da mãe. Esse é o alicerce para um gradual reconhecimento da falta de controle mágico sobre a realidade externa.

Se observarmos um bebê, podemos perceber como ele explora esse mundo ilusório, um mundo que não é a sua realidade externa ou um fato externo. Winnicott se refere a esse mundo de ilusão também como “terceiro mundo” (“*third world*”). Um bebê chupando o dedo, murmurando sons, segurando um pano, está reivindicando um controle mágico sobre o mundo, prolongando a onipotência encontrada e implementada pela adaptação da mãe. A esse estado temporário – em que é permitido ao bebê o controle mágico sobre a realidade externa, um controle possível pela adaptação da mãe, ainda que o bebê não saiba disso –, Winnicott dá o nome de fenômeno transicional. O objeto transicional – ou primeira possessão – é aquele que o bebê criou até que ele possa, um dia, receber um objeto de um outro e se dar conta do limite do seu controle mágico e da sua dependência da boa vontade das pessoas no mundo externo. Entre o mundo subjetivo e o mundo que se pode perceber objetivamente, há esse espaço transicional.

Até então estávamos falando de um período de ilusão, de dependência absoluta, de uma solidão essencial. A partir daqui, trataremos da desilusão, e de como ela vai se operar; é importante que ela se efetive, mas no momento certo para o bebê. Ao período de ilusão onipotente não se retorna; a desilusão é o estado que se perpetua até o fim da vida. A partir da desilusão o bebê evolui de uma dependência, agora relativa, rumo à independência; da transicionalidade ao poder de usar os objetos; do eu/não-

eu para o eu/outro. Do amor primitivo ao concernimento, ao Édipo, à latência, à adolescência, à idade adulta e à velhice.

Mas, paradoxalmente a ilusão já é uma aquisição, e em condições naturais ela também perdurará durante toda a vida, e é importante que assim seja.

o outro Empático às necessidades do bebê - A  

---

Intermutualidade

Quase no final de sua vida, Winnicott (1969) elucida ainda mais suas idéias sobre essa fase de dependência do ambiente, que no início é absoluta. É bastante importante e significativo no que consiste esse ambiente, pois, nesse momento, ele é parte do bebê. O bebê é um fenômeno complexo, que inclui tendências e potencial inatos e o ambiente; como já falado, ele é esse contexto indivíduo-ambiente. Não podemos descrever o bebê sem descrever o ambiente: “*We cannot describe the baby without describing the environment*” (p. 253).

Nessa fase de absoluta dependência, o bebê ainda não pode separar o que não é ele – não-eu – do eu, pois não está capacitado para isso. O outro é um objeto subjetivo, e não é percebido objetivamente. Até mesmo se o objeto é repudiado, ou posto de lado, ainda assim faz parte de um aspecto do bebê.

E como se dará o desenvolvimento para a objetividade? É certo que não só em virtude das tendências inatas do bebê, da integração, da procura de objeto ou da integração psicossomática. Todos esses eventos podem

não acontecer, ainda que essas tendências inatas sejam as melhores possíveis. O desenvolvimento se efetiva pela soma de experiências ligadas ao comportamento adaptativo da mãe.

É essa adaptação da mãe o que permite ao bebê encontrar o *self* necessitado e esperado. Por meio da experiência de uma mãe suficientemente boa, o bebê se desenvolve rumo a uma percepção objetiva; uma tendência para operar isso foi herdada, mas ele recebeu da mãe o equipamento perceptivo e a oportunidade para tanto.

Para se entender o papel adaptativo que cabe à mãe, é necessário recorrer ao conceito de “preocupação materna primária”. Um conceito que, como já falado, se refere à preparação física e psicológica natural da mãe, durante a gravidez, que a coloca em um estado psíquico de extrema identificação com seu bebê e que perdura durante as primeiras semanas de vida da criança.

Por outro lado, temos um bebê com vitalidade e motilidade, mas ainda sem condições de uma percepção objetiva, indo em direção a ela, mas também recuando.

O fenômeno subjetivo começa antes mesmo do nascimento do bebê. Já no útero, ele vai “conhecendo” a mãe. Seu calor, seus batimentos cardíacos, seu corpo. Vai-se estabelecendo com a mãe uma mutualidade; o que o bebê sente, ou vê, é dela também. Essa mutualidade se dá numa anatomia viva, sensorial no início. A mãe também tem idéias a respeito de seu bebê, de suas necessidades e de seus ritmos. Ela embala seu filho no compasso dele; existe uma comunicação direta entre mãe e filho, a mais primitiva e fundamental.

Essa preparação vai promover o desenvolvimento de uma comunicação entre os dois. Pensemos na situação da alimentação: todos os bebês se alimentam, mas, nessa experiência, o bebê deve ter a idéia de

que sua mãe sabe o que é ser alimentada. Existe aí uma condição de mutualidade.

A mutualidade é o início da comunicação entre duas pessoas. Mas o que está sendo comunicado? A mãe comunica sua confiabilidade, e a criança, sua vitalidade. Essa comunicação, direta ou subjetiva, está relacionada com o núcleo do eu, com o “continuar sendo”. É ela que nos permite sermos nós mesmos.

O bebê é sua mãe, e a mãe está tão identificada com seu bebê que, nesse momento, ela também é o seu bebê. As capacidades inatas do bebê e seu conhecimento a respeito da mãe, e, por outro lado, a preocupação contínua, por parte da mãe, com as necessidades do filho e com ela mesma serão a base do estabelecimento da onipotência e da ilusão, necessárias para que, lá na frente, o bebê possa ir se adaptando ao que Freud denominou “princípio de realidade”.

No bebê, trata-se de uma aquisição de desenvolvimento que está vinculada à hereditariedade, o que possibilita o crescimento emocional; ao mesmo tempo, o bebê depende de uma mãe e de sua capacidade de tornar real aquilo que o bebê está pronto para alcançar, descobrir e criar.

O bebê e a mãe atingem a mutualidade de diferentes formas. Uma coisa é a mãe alimentar o seu bebê e sentir prazer nisso, enquanto o bebê, alimentado, se gratifica com a satisfação. Outra coisa é a significância da experiência depender da mutualidade, que é resultado da “*cross-identifications*”.

A mãe já foi um bebê; conviveu com mães e bebês na sua família ou fora dela, e pode ter aprendido ou lido sobre cuidados com bebês, possuindo uma idéia do que é certo ou não nesses cuidados.

O bebê, por seu lado, está sendo bebê pela primeira vez; nunca foi uma mãe e certamente não recebeu qualquer instrução. O bebê traz

consigo apenas a soma de suas características e tendências inatas para o crescimento e o desenvolvimento.

Conseqüentemente, enquanto a mãe pode se identificar com seu bebê – e, mesmo antes do seu nascimento, de uma maneira bastante sofisticada –, ele traz consigo somente a aptidão, que está se desenvolvendo, de adquirir a capacidade de *cross-identifications* – de um lado, a mãe identificada com o bebê, e do outro o bebê tentando “conhecer o ambiente” –, na experiência de mutualidade que se torna fato. A mutualidade só se efetiva pela capacidade da mãe de se identificar com o bebê.

Mais à frente, Winnicott nos diz que a comunicação, nesses primeiros tempos, é silenciosa: “uma canção sem palavras”, que só se torna sonora quando falha.

Essa comunicação silenciosa confere ao bebê confiança de não precisar reagir às intrusões do ambiente, o que, como sabemos, interromperá sua continuidade de ser, quebrará sua linha da vida e poderá constituir um trauma. Um trauma é algo contra o qual o indivíduo não tem defesas organizadas; após um estado de confusão, defesas bastante primitivas são mobilizadas.

A comunicação silenciosa tem relação direta com a confiabilidade no *holding*, o que implica um “ser deixado” confiável e configura uma experiência importante rumo à independência.

A partir do momento em que o *self* vai se estabelecendo, o bebê começa a ser capaz de incorporar e reter a memória do cuidado ambiental; com o tempo, ele estará apto a se cuidar e a sentir a integração como um estado mais confiável. A dependência passa, então, a diminuir. Gradualmente, os estados de integração podem ser mantidos, e aí então se está autorizado a falar em desintegração como o negativo da integração. Um estado exagerado de cuidado consigo mesmo, por exemplo, pode ser visto

como uma defesa contra a desintegração que a falha ambiental ameaçou provocar. Uma falha ambiental pode consistir em se segurar o bebê para além da sua tolerância naquele momento.

A desintegração pode ser também uma defesa contra a dor das ansiedades associadas aos estados integrados (satisfação das necessidades). No estado desintegrado, o desenvolvimento não é possível.

Na vida de uma criança, o descanso deverá incluir o relaxamento e a regressão a um estado de não integração.

O lugar mais íntimo de nós mesmos é o *self*, e ele existe desde os primórdios da vida. O *self* é o potencial de vir-a-ser, e nas primeiras relações com o ambiente ele adquire seu modo de ser e ritmo próprios. Qualquer não adaptação ambiental é recebida como possibilidade de aniquilamento e de descontinuidade de ser. Nesse momento, a mãe é o ego do bebê, e ela terá que ser um bom suporte egóico.

Mas esse anseio por ser não é auto-suficiente. “O bebê não existe” (1942) – a frase de Winnicott reflete bem essa idéia. O bebê só existe com sua mãe. O bebê vai ao encontro do que precisa para poder ser, para continuar sua existência. Vai ao encontro do outro humano, mesmo que ainda não se diferencie dele. Esse primeiro outro é o ambiente humano, a mãe. O outro estará sempre implicado, ativamente, na constituição de outro ser humano, também ativo, ainda que não possa ser percebido naquele momento. Trata-se de uma presença invisível; o bebê e a mãe formam uma unidade.

Não há distinção entre o bebê e o ambiente do bebê: “O ambiente tal qual o conhecemos não precisa ser mencionado, porque o indivíduo não tem meios de percebê-lo, e na verdade o indivíduo ainda não se encontra ali, ainda não está separado do aspecto ambiental da unidade total” (Winnicott, 1999, p. 179).

O potencial herdado vai se tornando uma continuidade de ser, mas, se as condições forem adversas, a alternativa será reagir, o que interrompe essa continuidade de ser. Tal é sentido como aniquilamento, um deixar de existir. Ser e aniquilamento são duas alternativas excludentes. Portanto, o ambiente, nesse momento, tem como principal função ser o mais adequado possível às necessidades do bebê (p. 47).

A natureza vai preparando a mãe para essa tarefa.

Em seu texto “A Preocupação Materna Primária” (1956), Winnicott defende a tese de que, nessa primeira fase da vida do bebê, a mãe se encontra num estado psicológico especial, ao qual ele dá o nome de “preocupação materna primária”.

“Gradualmente, esse estado passa a ser de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente durante o final da gravidez. Dificilmente as mães recordam esse período, depois que o ultrapassaram. Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida” (p. 401).

O autor afirma que essa condição psíquica seria uma doença, caso não houvesse uma gravidez, e caso não configurasse um estado temporário, ou seja, se a mãe não pudesse sair dele. Esse é um estado em que um determinado aspecto da mãe – seu bebê – toma o poder, e todo o resto perde interesse. Para ela, só existe o bebê. E é fundamental para o bebê, nesse seu início de vida, que sua mãe possa alcançar esse estado “doente”, de extrema sensibilidade e sintonia com ele. A mãe deve ter saúde suficiente para atingir esse estado, poder adoecer e depois sair dele, conforme o bebê a for liberando.

Em uma época na qual o bebê mal começa a existir, a mãe tem como tarefa confirmar essa existência. Mas isso só será possível se ela estiver inteiramente voltada a seu filho. Enquanto a mãe ocupa esse estado, o bebê, correspondentemente, apresenta algo fundamental: uma constituição.

No texto, *“Mirror-role of Mother and Family in Child Development”* (2001), o qual foi influenciado pelo texto *“Le Stade du Miroir”* (Lacan, 1949), que nos fala da importância do uso do espelho no desenvolvimento do ego de cada indivíduo, Winnicott nos diz que o precursor do espelho é o rosto da mãe.

Como já dito, nas primeiras fases do bebê o ambiente desempenha papel fundamental e a unidade é o bebê-ambiente. Gradativamente a separação entre o bebê e o ambiente, ou entre o bebê e sua mãe, vai podendo se dar.

Se a mãe pôde funcionar adequadamente, o bebê pôde ir fazendo as integrações necessárias. Então, sentindo-se mais integrado, começa, em um certo momento, a olhar a sua volta e nesse momento encontra o rosto da mãe. E aí o que ele vê, e espera-se que sim, é a ele mesmo. A mãe que está envolvida e empática com seu bebê vai refletir o próprio bebê. Portanto é importante que no início, o rosto da mãe funcione como um espelho.

Só assim o bebê poderá ser espontâneo e criativo. Do contrário terá que “se cuidar”, prevendo o humor da mãe para saber quando reagir, ou pior que isso, desistir e não olhar mais. O rosto da mãe é algo a ser olhado, diferentemente de examinado.

Poderíamos dizer que, do ponto de vista do bebê: “Quando olho (para a minha mãe) me vejo, logo existo” e mais do que existir, o bebê podendo no rosto da mãe ver refletido ele mesmo, terá a experiência de sentir-se real. “Sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se com objetos como si mesmo, e ter um eu (*self*) para o qual retirar-se, para relaxamento” (1975, pg.161)

Essa experiência será importante para que mais tarde, esse bebê ao se olhar no espelho possa ver a si mesmo como uma unidade, e ao olhar para a sua mãe, ou seu pai, ou outra pessoa, possa percebê-los como um outro, diferente de si.



Como já dito, a partir da primeira “mamada teórica”, na soma dos gestos do bebê em direção a seus objetos de necessidade, possibilitando-se encontrá-los pela devoção e adaptação da mãe, o bebê tem a ilusão de que é ele quem os cria. Isso lhe dá uma experiência de onipotência e de poder controlar magicamente seu mundo. Para Freud, o bebê é “sua majestade”; para Winnicott, bem mais que isso, o bebê é o criador do mundo.

Com o correr do tempo (Winnicott, 1999), o bebê passa a reter na memória essas vivências associadas ao fato de ser alimentado e de ir ao encontro do objeto da necessidade e achá-lo. Isso produz no bebê um estado em que ele se sente confiante, pois tem a vivência de que o objeto pode ser encontrado; assim, gradualmente, irá podendo tolerar a ausência do objeto. Inicia-se uma idéia de realidade externa, lugar esse onde os objetos aparecem e desaparecem. O paulatino reconhecimento da falta de controle mágico sobre a realidade tem como base a onipotência inicial, proporcionada pela adaptação suficiente da mãe.

A criança, no seu dia-a-dia, vai explorar esse terceiro ou ilusório mundo, que não é realidade externa ou fato externo; tal não se permitiria a um adulto ou a uma criança mais velha. Podemos ver uma criança chupando o dedo ou murmurando algo, ou segurando uma fralda, formas que o bebê tem de reclamar o controle mágico sobre o mundo, prolongando, assim, a onipotência antes conseguida pela adaptação da mãe (p. 126).

Winnicott dá o nome de “transicionais” a essas experiências de exploração de um mundo ilusório. O objeto é denominado “transicional”, e as técnicas empregadas são por ele chamadas de “fenômeno transicional”.

O objeto transicional é a primeira possessão “não-eu” do bebê, um objeto que ele criou.

A tarefa “final” da mãe é ir gradativamente desiludindo seu filho, mas ela só obterá sucesso se puder, antes, dar condições a ele de viver a ilusão de que a experiência de onipotência foi um fato. Aos poucos, a mãe diminui essa adaptação, em face da necessidade de retomar sua vida, e levando em conta o desenvolvimento do filho e o quanto de falha ele vai poder suportar.

No início, o bebê vive num mundo de objetos subjetivos e é extremamente dependente do ambiente que a ele se adaptou. Até que possa perceber o mundo de forma mais objetiva – princípio de realidade – , e a independência se efetive, existe uma fase intermediária, transicional, claramente constatável pela observação de crianças, quando elas empregam objetos transicionais.

“A área intermediária à qual estou me referindo é a área que é permitida ao bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva, baseada no teste de realidade” (Winnicott, 1975, p. 11).

Essa é uma área intermediária de experiência entre o polegar e o urso de pelúcia (ou qualquer outra coisa), entre o erotismo oral e a relação de objeto verdadeira, entre a atividade de criatividade primária e a projeção do que já tinha sido introjetado, entre o desconhecimento e o conhecimento de estar em “débito” e poder agradecer. É uma área onde há contribuições tanto da realidade interna como da vida externa.

A mãe, quando se apresenta no tempo e na hora certos, atende a uma idéia do bebê de ir ao encontro de algo que supriria sua necessidade (aumento da tensão instintual); o bebê, por sua vez, tem a ilusão de que existe, na realidade externa, algo que corresponde à sua capacidade de criar. Há uma sobreposição entre o que é oferecido pela mãe e a idéia do bebê de algo que ele necessita.

Quando a mãe oferece o seio a seu bebê faminto, a criança só pode percebê-lo porque o seio está lá, no momento de ser criado. O bebê se alimenta de um seio que é ele mesmo, e a mãe dá o leite a um bebê que é parte dela mesma.

É nessa área de ilusão que se instala o fenômeno transicional, e ao qual pertencem os objetos transicionais. Um espaço entre o bebê e a mãe, mas que, ao mesmo tempo, é o bebê e a mãe; um espaço potencial de criação e desenvolvimento.

À medida que o *self* começa a emergir como uma entidade, a tendência agressiva inata do bebê o leva a colocar o objeto separado do *self*. A tendência agressiva é inata, mas só se tornará agressividade após várias aquisições. Se não houver uma inibição dessa tendência agressiva – ou seja, se o ambiente a puder suportar –, ela passa a fazer parte dessa pessoa e da relação.

É por meio da agressividade que se constitui a realidade, a distinção entre o eu e o não-eu. É uma força que se opõe ao outro, mas que também

vai ao encontro do outro, o descobre, o discrimina. O bebê exercita a vitalidade e sente prazer nisso, pois esse ato leva a algo; o ambiente vai sendo descoberto. A agressividade permite conhecer sobre durabilidade, consistência e permanência.

É necessário, no entanto, que haja uma oposição adequada a essa agressão, pois é essa oposição o que propicia a contenção, o sentido da vida. Se a oposição for demasiada, irá inibir a agressão.

A agressividade é necessária para a destruição do objeto subjetivo, criando-se a possibilidade da relação com o objeto não-eu e o uso do objeto.



“(…), se a sociedade encontra-se em perigo, não é por causa da agressividade do homem, mas em consequência da repressão da agressividade pessoal nos indivíduos.”

Winnicott

Melanie Klein opera um acréscimo importante à obra de Freud quando, sob os termos da psicanálise, amplia o entendimento da destrutividade presente na natureza humana. Em seu texto “A posição depressiva no desenvolvimento emocional”, Klein trata da relação construção e destruição. Isso ensejou uma maior compreensão do “sentimento de culpa”, que decorreria de fantasias de destruição e levaria a uma intenção de construção ou reparação.

A simplicidade de tal raciocínio não remete à complexidade que, em termos de desenvolvimento pessoal, envolve a chegada a esse momento em que a capacidade de sentir culpa está presente.

Se retornarmos a uma época remota do desenvolvimento individual, veremos que a capacidade de sentir culpa é algo ainda a ser alcançado pelo bebê. Nesse momento, a agressividade – inata – é acidental e não dirigida a um outro, pois, como já vimos, o outro, para o bebê, não é ainda um outro.

Nesse momento a função da mãe é poder ser uma oposição, na dose certa, frente a agressividade do seu bebê.

Desde o útero, o bebê tem movimentos que podem ser sentidos pela mãe e que são a expressão de sua vitalidade. Essa motilidade, expressão da vitalidade, é a precursora da agressão; nos primeiros tempos, motilidade e atividade são sinônimos de agressividade.

À medida que a criança vai crescendo e se desenvolvendo, o termo agressão vai ganhando significado. Na saúde, uma grande parte do potencial agressivo funde-se às experiências instintivas e ao padrão dos relacionamentos do indivíduo.

O potencial de agressividade de cada um é variável, e depende de fatores inatos e ambientais. Se, nos primeiros tempos, o bebê for obrigado a reagir às falhas do ambiente, terá que alterar seu movimento, ou rumo ao desenvolvimento ou em direção a um recuo para se defender. É por meio da agressividade que o ser humano tem uma participação ativa no seu desenvolvimento. O apetite e o alimentar-se “ilustram” essa atividade. Toda mulher que já amamentou um bebê sabe da agressividade e da vitalidade com que o bebê vai ao encontro do seio e o suga. O sugar transforma-se, mais tarde, em morder e mastigar.

O ambiente irá exercer influência sobre como o bebê irá lidar com sua agressividade inata. Se houver um ambiente adequado às necessidades do indivíduo, a agressividade irá se integrando à personalidade individual e se tornará uma energia positiva e proveitosa, possibilitadora do trabalho e do brincar. Se o ambiente não for adequado, surgirá uma energia que leva à violência e à destruição.

No texto “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott diz:

“É preciso postular a existência de um relacionamento objetal inicial impiedoso [*ruthless*]. Novamente, talvez seja apenas uma fase teórica, e ninguém consegue ser impiedoso [*ruthless*] após a fase do *concern*, a não ser em estados dissociados. Mas os estados de ausência de compaixão [*ruthlessness*] dissociada são comuns no início da infância, e emergem em certos tipos de delinquência e de

loucura, e precisam estar disponíveis na saúde. A criança normal tem prazer na relação impiedosa [*ruthless*] com a mãe, geralmente em meio a brincadeiras, e ela precisa da mãe porque esta é a única de quem se pode esperar que tolere a sua ausência de compaixão [*ruthlessness*], mesmo por brincadeira, pois isto na verdade a fere e a cansa. Sem a possibilidade de brincar sem compaixão, a criança terá que esconder seu eu impiedoso e dar-lhe vida apenas em estados dissociados.” (p.230)

No texto “A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional” (1950-1955), Winnicott vai expor de uma forma mais aprofundada seus pensamentos sobre esse tema da agressividade. Ele nos relata que esse impulso amoroso primitivo e impiedoso se dá num momento em que o ego está apenas começando a se desenvolver e a integração não é um fato estabelecido. Nessa fase, não há a aceitação de responsabilidade e nem mesmo a ausência de concernimento (preocupação). Nesse momento, a destruição faz parte do impulso do id e visa somente satisfação.

Pode-se ser responsabilizado pela destruição quando já se tem um ego integrado e organizado que, frente a uma frustração, reage com raiva e, em conseqüência, sente o medo da retaliação.

Esse elemento agressivo do id é destrutivo apenas por acaso. A criança não tem intenção de destruir ou de não destruir, pois ela ainda não possui a capacidade de se preocupar.

O ambiente vai sendo descoberto e redescoberto por força da motilidade, no caso do ambiente estar proporcionando um desenvolvimento a partir do centro; por outro lado, se o indivíduo precisar se “defender” de intrusões, retirando-se para uma zona de quietude – único lugar possível para sua existência pessoal –, a motilidade passa a fazer parte dessa experiência. Num caso mais extremo, as intrusões são tantas que o indivíduo desenvolve uma “casca”, mimetizando-se com o ambiente para proteger o núcleo. Nessa hipótese, o indivíduo fica escondido e “existe *por não ser encontrado*”.

A primeira situação relatada é de saúde e proporcionada por um ambiente suficientemente bom. O indivíduo gradativamente adquire condições de experienciar vivências do id com um *quantum* de motilidade elevado. Esse potencial de motilidade funde-se com o potencial erótico e visa satisfação. Ao mesmo tempo, o potencial de motilidade não atingido por essa fusão permanece disponível para os objetivos motores, que precisam encontrar oposição – ou seja, a motilidade para fins motores necessita algo para empurrar, caso contrário não acontecem experiências. “Na saúde, porém, por definição, o indivíduo sente o prazer de buscar a oposição adequada” (Winnicott, 1950-1955, p. 298).

Na segunda e na terceira situações, o indivíduo não “empurra”; diversamente, ele se sente pressionado, e a motilidade só se torna experiência em virtude da intrusão. A fusão entre motilidade e potencial erótico não é possível, a não ser de um modo secundário, por meio da erotização de aspectos agressivos (sadismo e masoquismo). Aqui o erótico funde-se ao motor, enquanto na saúde dá-se o contrário: a motilidade é que se funde ao erótico.

Winnicott conclui:

“Chegamos assim à conclusão de que muita coisa acontece antes da primeira mamada, mesmo que a organização do ego seja imatura. O somatório das experiências motoras contribui para a capacidade do indivíduo de começar a existir e, através da identificação primária, rejeitar a casca e tornar-se o núcleo. O ambiente suficientemente bom torna possível esse desenvolvimento. Quando o ambiente inicial é suficientemente bom, e somente então, podemos passar a estudar a psicologia inicial do indivíduo humano, pois *a não ser que o ambiente tenha sido suficientemente bom, o ser humano não poderá diferenciar-se, e não poderá então ser estudado em termos de uma psicologia da normalidade*. Quando o indivíduo existe, porém, torna-se possível dizer que um caminho central pelo qual o ego e o id, agora diferenciados, mantêm um relacionamento, e conservam esse relacionamento apesar das dificuldades devidas ao funcionamento do princípio de realidade, é o caminho da fusão de uma elevada proporção do potencial de motilidade primária com o potencial erótico.” (p.300)

Mas, antes que a fusão se dê, em uma época na qual o eu (*me*) e o não-eu (*not-me*) estão se estabelecendo, é o aspecto agressivo que conduzirá o indivíduo rumo à necessidade do não-eu (*not-me*), ou a um objeto que possa ser sentido como externo.

As experiências eróticas podem ser completadas por qualquer coisa que traga alívio ao impulso erótico. Em sentido contrário, os impulsos agressivos só terão alguma experiência de satisfação se encontrarem oposição a eles. E essa oposição terá que vir do ambiente, do não-eu, que então, gradualmente, vai se distinguindo do eu. Existe alguma vivência erótica no esforço muscular e dos tecidos, mas muito diferente daquela do erotismo ligado às zonas erógenas.

As experiências agressivas, numa época em que não estão ainda integradas, são sentidas como mais reais que as eróticas. Portanto, quando esses dois aspectos – o agressivo e o erótico – estão integrados, a experiência erótica “ganha” um sentimento de ser mais real.

Questiona Winnicott: a oposição do ambiente também não promoveria o desenvolvimento do impulso agressivo?

Já no nascimento – que se espera, pelo valor desse acontecimento, decorrer de um parto normal – a oposição encontrada produz uma experiência de *head-first* (ponta-cabeça). Pode-se notar no ser humano que, em situações de esforço, ocorre um projetar de cabeça para a frente. Bebês com dificuldade para mamar podem ser ajudados por meio de uma leve pressão no alto da cabeça. (Freud?)

Portanto, fica claro que a adaptação do bebê às suas necessidades não deve ser inteiramente atendida. A mãe que não vai gradualmente frustrando seu filho não é uma boa mãe. A frustração produz raiva, e traz um ganho de experiências. No início, é claro que essa adaptação deverá ser quase perfeita, mas a desadaptação, na hora e na dose certas, também é uma necessidade constitutiva do indivíduo. É a mãe – com sua sensibilidade

e empatia pelo bebê, por um lado, e para atender às suas próprias necessidades individuais, por outro – quem vai poder dosar essa desadaptação.

Winnicott postula que todo bebê tem um potencial de vida e um potencial erótico, mais ou menos semelhantes em cada criança. Já o potencial agressivo, em cada bebê, depende da oposição encontrada. Ou seja, a oposição faz com que a força vital se converta em potencial agressivo. Por outro lado, um excesso de oposição traz complicações que impossibilitam um viver pessoal; há o potencial agressivo, mas sem se alcançar a possibilidade de fusão do aspecto agressivo com o erótico.

Na vida intra-uterina, a força vital se manifesta pelos movimentos do feto. Por meio desses movimentos, ele encontra, sente e descobre o ambiente justamente pela oposição que o ambiente lhe faz. Nessa época, o bebê já vai podendo reconhecer um mundo não-eu (*not-me*), e uma instauração do eu (*me*). Mas essa experiência não se “sustenta” sozinha. Ela vai se tornando um fato, paulatinamente, sustentada pelo ego da mãe, até que o ego da criança esteja integrado e se possibilite que essa percepção seja alcançada. Sem essa sustentação pelo ego da mãe, a força vital é consumida em reações à intrusão. O desenvolvimento fica baseado em experiências de reação à intrusão; o eu (*me*) não se estabelece, e o indivíduo terá uma existência falsa, não sentida como real, pois estará privado de sua impulsividade. Na época em que os componentes agressivos eróticos deveriam se fundir não haverá essa fusão, pois não existe um eu (*me*) para experienciar as vivências eróticas. A vida erótica, para essas pessoas, não será sentida como real, e a agressividade se dará reativa e dependente da oposição do ambiente.

Seguindo esse raciocínio, Winnicott nos diz que a personalidade é dividida em três partes:

- um verdadeiro *self*, com o eu e o não-eu claramente estabelecidos, e com alguma fusão dos elementos agressivos e eróticos;

- um *self* que será facilmente seduzido rumo às experiências eróticas, perdendo, com isso, algo do sentir-se real em uma experiência real;
- um *self* inteira e impiedosamente submetido à agressividade.

A agressividade, mesmo quando ainda não organizada em termos de destrutividade, é valiosa para o indivíduo, pois é por meio dela que a sensação de realidade e de estar-se relacionando se efetiva. É no ambiente que se opõe de forma adequada que está a raiz da agressividade.

O gesto impulsivo espontâneo tem um movimento “em direção a” e se torna agressivo quando alcança e encontra oposição. Essa é uma experiência sentida como real e que se funde facilmente com as experiências eróticas que aguardam o bebê. Winnicott afirma:

“É esta impulsividade, e a agressividade que dela deriva, que levam o bebê a necessitar de um objeto externo, e não apenas de um objeto que o satisfaça.” (p.304)

No relacionamento sexual adulto e maduro, não é só a satisfação erótica que busca um objeto específico. É o aspecto agressivo ou destrutivo aí fundido que determina a necessidade do indivíduo pela presença, satisfação e sobrevivência do parceiro. Poder responsabilizar-se pelos próprios aspectos destrutivos significa uma personalidade madura e saudável, e tem a ver com integração.

Poder tolerar os impulsos destrutivos do amor primitivo tem relação com um aspecto do sentimento de culpa. E essa é uma aquisição que resulta na capacidade de ter prazer em idéias – mesmo que se trate de idéias destrutivas – e nas excitações corporais ligadas a essas idéias. Só então é possível a experiência da preocupação, base de tudo aquilo que é construtivo.

Termino com uma questão de Winnicott:

“Pode alguém comer seu próprio bolo e continuar a possuí-lo?”

Ele tratará desse tema em seu texto “Sobre o uso de objeto”, um artigo escrito perto do fim de sua vida.

“(...) e é talvez o maior cumprimento que podemos receber se formos tanto encontrados como usados.”

Winnicott (2002)

Poder usar objetos atesta um desenvolvimento do indivíduo; um salto ou um romper de um invólucro que coloca esse indivíduo frente a si e a um outro, separado desse outro e ao mesmo tempo dotado de um dentro e um fora de si mesmo. O “si mesmo” só se estabelecerá quando o outro puder efetivamente constituir-se como outro, com natureza e características próprias. Algumas pessoas nunca chegam a alcançar essa capacidade.

Até agora vínhamos falando da relação de objeto, na qual a relação se dá com o objeto subjetivo, ou seja, com o objeto da necessidade. Como já vimos, é a mãe, amparada pelo pai, quem sustenta e garante para o bebê que as intrusões do ambiente acontecerão de forma suportável e gradativa; só assim são fornecidas condições para que esse bebê desenvolva o potencial de vir a ser ele mesmo. Se isso não acontecer, o bebê, ao ser instado a reagir às intrusões, terá esse desenvolvimento prejudicado. O “segurar” consistente da mãe assentará a base necessária de confiança para que esse salto – de relação de objeto para uso de objeto – possa acontecer.

Com essa base assegurada, a função fundamental da mãe, agora, é sobreviver à destruição que faz parte do amor primitivo . É a sua sobrevivência que a colocará como um outro, separado, e o que

transformará a agressão do bebê, que é inata, em algo que ele poderá usar em proveito próprio e construtivo. A agressão apenas será destrutiva se o objeto, alvo dos ataques, não sobreviver. E não sobreviver inclui retaliar.

É preciso, aqui, abrir um parêntese para se falar do ódio que está presente na relação mãe-bebê – e em todas as relações – desde o começo: a mãe odeia seu bebê desde o início, e ela possui muitas razões para tanto. Com efeito, a mãe corre riscos durante a gravidez e no parto; o bebê é “ele mesmo” e não quem ela, talvez, tenha imaginado; a relação é de doação, e não de troca.

É importante que a mãe odeie seu bebê; porém, a forma como esse ódio irá se manifestar fará toda a diferença.

A mãe terá que ser capaz de tolerar seu ódio pelo bebê, não poderá expressá-lo e deverá estabelecer confiança na sua tolerância. Se vier a temer sua reação frente ao ódio, não estará apta a odiar adequadamente quando agredida, não se defenderá e assumirá uma atitude masoquista. A capacidade natural para odiar dará à mãe a possibilidade de ser agredida pelo seu bebê e sentir ódio por ele, contudo sem se vingar e podendo esperar por recompensas, que virão ou não mais tarde.

Fechado o parêntese: mas como se dá a passagem da relação de objeto para o uso de objeto? Como se adquire essa capacidade? Como ocorre o rompimento da bolha subjetiva para que emerja o princípio de realidade? Como se efetiva a transição do objeto para fora da área do fenômeno subjetivo? E, principalmente, qual a função do ambiente nesse momento, para que esse salto possa acontecer e a alteridade se constituir?

O conceito de uso de objeto foi apresentado por Winnicott em 1968 à Sociedade Psicanalítica de Nova York, mas alguns trabalhos anteriores atestam que ele já estava elaborando essa formulação. A exposição de sua idéia causou impacto nos ouvintes, que não puderam compreender o que

ele falava e tampouco entender a liberdade com que ele se expressava. Todos ficaram atônitos.

Conforme dito pelo próprio Winnicott:

“Recentemente tentei dar vida às minhas idéias em um trabalho lido perante a Sociedade Psicanalítica de Nova York (12 de novembro de 1968), mas, pelos trabalhos dos que o debateram, soube que não havia de maneira alguma me feito claro, de maneira que a idéia, tal como apresentada lá e então, era inaceitável na ocasião. Revisei esse trabalho. Dei-lhe o nome de ‘O Uso de um Objeto’ (...)”.(1969)

Parece que Winnicott esperava por isso. Antes de viajar para os Estados Unidos, pediu que Ana Freud lesse o trabalho e desse sua opinião. Era clara essa sua necessidade de um reassguramento. A Sociedade Psicanalítica de Nova York era sabidamente fechada e rígida, e pouco aberta a novas idéias. Referencial da psicologia do ego nos Estados Unidos, e reconhecida pela seriedade de suas pesquisas e tratamentos derivados do trabalho de Freud, o convite a Winnicott foi uma tentativa de a sociedade se abrir às idéias kleinianas. (2003)

Sabendo que não estava “em casa”, e provavelmente também em virtude de seu estado de saúde precário – depois dessa apresentação, ficaria mais de um mês internado no Lenox Hill Hospital, em Nova York –, Winnicott introduz seu trabalho com cuidado:

“O tema afim de [*allied*] relacionar-se a objetos parece-me já haver recebido a nossa atenção plena. A idéia do uso de um objeto, contudo, não tem sido tão bem examinada e pode mesmo não ter sido especificamente estudada.

Este trabalho sobre o uso de um objeto origina-se de minha experiência clínica e encontra-se na linha direta de desenvolvimento que é peculiarmente minha. Não posso presumir, naturalmente, que a maneira pela qual minhas idéias se desenvolveram tenha sido seguida por outros, mas gostaria de

apontar que houve uma seqüência, e a ordem que nesta possa existir pertence à evolução de meu trabalho” (p.171)

Apesar de anunciar em seguida que aquilo o que irá dizer é extremamente simples (talvez para ele), a elaboração do conceito do uso de objeto é, na verdade, fruto de um grande amadurecimento de sua teoria e sensibilidade clínica.

Winnicott diferencia relação de objeto e uso de objeto da seguinte forma:

“Na relação de objeto o sujeito permite que certas alterações tomem lugar no self, do tipo que nos obrigou a inventar o termo *catexia*. O objeto tornou-se significativo. Mecanismos de projeção e identificação estiveram operando, e o sujeito está esvaziado na extensão do que dele está no objeto, embora enriquecido de sentimento. Acompanha essas mudanças um certo grau de envolvimento físico, ainda que tênue, que se aproxima da excitação, na direção de um clímax funcional de um orgasmo.

Relação de objeto [*object-relating*] é uma experiência do sujeito que pode ser descrita em termos de um sujeito como um ser isolado. Quando eu falo do uso de um objeto, todavia, tenho como certa a relação de objeto, e adiciono novas facetas que envolvem a natureza e comportamento do objeto. Exemplificando, o objeto, se é que vai ser usado, tem necessariamente que ser real, parte da realidade compartilhada, não um feixe de projeções. Eu penso que isto faz a enorme diferença [*world of difference*] que está entre relação e uso.” (p.220)

Winnicott continua expondo suas idéias, deixando claro o fato de que, para a psicanálise, era muito difícil assimilar a importância dos fatores ambientais; a tendência era eliminá-los, a não ser quando se tratava de mecanismos projetivos (devo lembrar que estávamos no final de 1968). Porém, no que se refere ao uso, não haveria escapatória: a natureza do objeto tem de ser levada em conta, não como projeção, mas sim considerando-se o próprio objeto. A relação de objeto é descrita com base em um sujeito individual, e o uso só pode ser compreendido se aceitarmos a

idéia de objeto com uma existência independente, dotado da propriedade de ter estado lá todo o tempo (experiência transicional).

Mas essa mudança de relação para uso não se dá automaticamente, e não depende somente do processo maturacional. Nesse momento de desenvolvimento muito se conquistou, e podemos afirmar que o ambiente cumpriu o seu papel. O bebê está apto a internalizar uma mãe confiável, há uma diferenciação entre o mim e o não mim, e alguns processos mentais já estão operando (os processos mentais primitivos tão bem descritos por Melanie Klein).

Portanto, como diz Winnicott, “para usar um objeto o sujeito tem que ter desenvolvido a capacidade para usar objetos. Isso faz parte para a mudança para o princípio de realidade”. E essa capacidade só pode ser alcançada se o sujeito estiver assentado em base segura e confiável. Só assim, a partir da segurança básica, há condições de correr os riscos que essa mudança impõe.

Talvez a etapa mais difícil do desenvolvimento humano seja a batalha a ser vencida entre a relação de objeto e o uso, ou seja, pôr o objeto fora da área do controle onipotente, aflorando a percepção que o sujeito tem do objeto como um fenômeno externo – não uma entidade projetada, e sim o reconhecimento do objeto com identidade própria.

Para que a mudança de relação para uso se dê, o sujeito destrói o objeto (que se torna externo); mas o objeto precisa sobreviver para que possa ser usado. Aqui começa a vida de fantasia para o sujeito, pois ele se livra da autoridade da fantasia sobre a mente. A realidade está ali para contrapô-la.

Winnicott ilustra assim esse processo:

“O sujeito diz para o objeto: *Eu destruí você*. E o objeto está lá para receber a comunicação. A partir daí o sujeito diz: *Alô, objeto! Destruí você. Amo você.*” (p.222)

Winnicott ressalta que o sujeito não só destruiu o objeto porque ele foi posto fora da área de controle onipotente, mas também que a própria destruição do objeto o colocou fora da área de controle onipotente do sujeito. O objeto, então, tem autonomia e vida, pois sobreviveu.

Em virtude da sobrevivência do objeto, o sujeito tem agora a oportunidade de viver no mundo dos objetos, conviver com as diferenças e a alteridade, e com isso se enriquecer. A partir daí, os mecanismos projetivos ajudam no ato de notar o que está lá (objeto real), mas não são a razão pela qual o objeto está lá.

Winnicott discorda da idéia de que o **primeiro** impulso na relação do sujeito com o objeto objetivamente percebido é destrutivo. O entendimento corrente é de que o princípio de realidade envolve o indivíduo em raiva e reações destrutivas; para Winnicott, no entanto, a destruição desempenha sua parte na construção da realidade, situando o objeto fora do self.

Winnicott está todo o tempo se posicionando em relação às teorias kleiniana e freudiana. No que se refere à agressão, ele diz:

“Parece-me que a idéia de uma fase do desenvolvimento que envolva a idéia de sobrevivência do objeto afeta a teoria das raízes da agressão. Não é bom dizer que um bebê de alguns dias inveja o seio. É legítimo, contudo, dizer que, com qualquer idade que o bebê comece a conceder ao seio uma posição externa (fora da área de projeção), isso significa que a destruição do seio se tornou uma característica. Isso significa um impulso real para destruir. Essa é uma parte importante do que a mãe faz, sendo ela a primeira pessoa a conduzir o bebê através dessa primeira versão de muitas que ele irá encontrar, de ataques do qual se sobrevive. Esse é o momento certo, no desenvolvimento de uma criança, por causa de sua relativa debilidade, de modo que facilmente se sobrevive à destruição. Mesmo assim, é complicado, pois é também muito fácil

a mãe reagir moralisticamente quando o bebê morde e machuca. Mas a imagem envolvendo o seio é um jargão. Toda a área de desenvolvimento e manejo está envolvida, na qual a adaptação está relacionada à dependência.” (p.225)

Winnicott reitera o uso da palavra “destruição”, mas a destruição real só se dará se o objeto fracassar em sobreviver. Se o objeto sobrevive, a destruição permanece potencial.

Como já vimos no capítulo anterior, para Winnicott a agressão é inata e, portanto, como tudo o que é inato, em termos quantitativos ela é variável entre os indivíduos. Serão grandes as variações que se originam das primeiras vivências de um bebê, conforme seja ele conduzido durante essa difícil fase. A criança que teve um bom “suporte” será muito mais agressiva. Ao contrário, bebês pouco assegurados terão dificuldade de abranger a agressão, ou a reterão como uma tendência a ser usada como forma de ataque.

A teoria clássica tem como pressuposto ser a agressão sempre reativa ao encontro com o princípio de realidade. Para Winnicott – que está “olhando” para um momento anterior, o momento de constituição –, é a agressão, ou a pulsão destrutiva, o que possibilita a criação da externalidade e da realidade.

O aniquilamento é uma defesa bastante primitiva e significa nenhuma esperança. Já o ataque reativo ao encontro com o princípio de realidade é um conceito mais sofisticado, que se dá numa data posterior à destruição da qual falamos. “Não há raiva na destruição do objeto a que estou me referindo, embora se possa dizer que há alegria com a sobrevivência do objeto. A partir desse momento, ou originando-se dessa fase, o objeto, *na fantasia*, está sempre sendo destruído. Essa qualidade de “sempre sendo destruído” torna a realidade do objeto sobrevivente sentida como tal, fortalece o tom do sentimento e contribui para a constância objetal. O objeto agora pode ser usado.”(p.226)

O estar “sempre sendo destruído” é o pano de fundo, inconsciente, para o amor em relação a um objeto real, que é amado porque está “sempre sobrevivendo”.

A destrutividade, vista aqui, tem um valor positivo, no sentido de possibilitar que “seja criado um mundo de realidade partilhada que o sujeito pode usar e que pode retroalimentar a substância diferente de mim no sujeito”. (p.227) Ou seja, o sujeito usa o objeto e o objeto usa o sujeito, se o puderem.

No texto “A Amamentação como Forma de Comunicação” (1968, p.19), Winnicott ilustra de uma forma clara e simples essa passagem da relação ao uso do objeto e o importante papel exercido pela mãe nesse processo. Ele nos diz, com respeito à agressividade do bebê:

“Com o passar do tempo o bebê começa a chutar, gritar e arranhar. Na situação de alimentação havia, no início, uma atividade vigorosa da gengiva, um tipo de atividade que pode facilmente resultar em rachaduras do mamilo; alguns bebês realmente aderem ao seio com as gengivas e o machucam bastante. Não se pode afirmar que estejam tentando ferir, porque o bebê ainda não está suficientemente desenvolvido para que a agressividade possa significar alguma coisa. Com o passar do tempo, porém, os bebês já têm um impulso de morder. Trata-se do início de algo muito importante, que diz respeito à crueldade, aos impulsos e à utilização de objetos desprotegidos. Muito rapidamente, os bebês passam a proteger o seio, e na verdade é muito raro que mordam com o objetivo de ferir, mesmo quando já possuem dentes.”

E continua:

“Com os bebês humanos há um estágio muito difícil que não pode ser evitado. A mãe pode perceber facilmente o que se passa com seu bebê, nesse estágio em que ela está sendo destruída por ele, se tiver conhecimento da situação e proteger-se sem se valer de retaliação e vingança.

Em outras palavras, ela tem uma função a cumprir sempre que o bebê morder, arranhar, puxar seus cabelos e chutar; essa função é sobreviver. O bebê se

encarregará do resto. Se ela sobreviver, o bebê encontrará um novo significado para a palavra amor, e uma nova coisa surgirá em sua vida: a fantasia. É como se o bebê agora pudesse dizer para sua mãe: Eu a amo por ter sobrevivido à minha tentativa de destruí-la. Em meus sonhos e em minha fantasia eu a destruo sempre que penso em você, pois a amo. É isto que objetifica a mãe, coloca-a num mundo que não é parte do bebê, e a torna útil.” (p.26)

Esse é um momento de extrema importância no desenvolvimento de qualquer ser humano, pois permite à criança tornar-se parte do mundo, usá-lo e contribuir para ele. É necessário reconhecer que a base para isso é a sobrevivência do objeto que foi atacado. E não só a sobrevivência física, mas a sobrevivência de uma mãe que, nos momentos em que se sentiu atacada, não se vingou nem retaliou. O pai e outras pessoas, e os brinquedos, irão também representar esse papel.

Portanto, a pulsão é potencialmente destrutiva; se ela será efetivamente destrutiva, ou não, dependerá de o objeto manter seu caráter ou reagir. Se o objeto sobrevive, aos poucos o bebê vai tomando consciência sobre o objeto, paralelamente à fantasia de tê-lo destruído, machucado ou danificado. O bebê continua num padrão de desenvolvimento da agressividade pessoal que proporciona o pano de fundo de uma fantasia contínua (inconsciente) de destruição. Winnicott relaciona esse pano de fundo de uma fantasia inconsciente de destruição ligada ao brinquedo e ao trabalho construtivo ao conceito kleiniano de reparação.

Para Winnicott, a posição depressiva surge no momento que sucede imediatamente aquele no qual o bebê consegue realizar sua unidade. Mas o desenvolvimento posterior e a continuidade dessa unidade ainda dependem de um ambiente seguro e confiável, que possa dar a esse bebê o tempo necessário ao reconhecimento de um fato tão complexo: a mãe/ambiente, no tempo, serem duas mães, a mãe ambiente e o objeto de agressão. É a agressividade, ou o amor impiedoso, que colocará o objeto subjetivo como externo. Para o bebê, é muito difícil perceber que a mãe atacada não corresponde, na realidade, a uma mãe agressiva. Ela é uma mãe inteira,

que sobrevive à destruição, pode ser usada e continua confiavelmente presente.

Só então a criança se torna uma pessoa que desenvolveu a capacidade de amar e odiar e de se responsabilizar pelos próprios impulsos instintivos.

Winnicott apresenta o conceito de uso de objeto já no fim de sua vida, e junto a esse conceito ele ressalta a importância do pai. Até então, o pai aparecia de forma velada, amparando a mãe ou a substituindo. Agora, o pai emerge como pessoa real, e importante o bastante para possibilitar essa passagem da relação ao uso:

“Um pai forte capacita a criança a correr o risco, ao se pôr no caminho ou se achar lá para corrigir as coisas ou impedi-las pela sua fúria.” (p.184)

Um objeto que precisa ser protegido nunca poderá ser usado.

### **O Outro confiável e consistente no tempo**

---

“O sentimento de culpa é expressão do crescimento emocional do indivíduo.” Winnicott (1958)

Para que se possa sentir culpa, um alto grau de desenvolvimento terá que ser alcançado. A capacidade de sentir culpa não se dará antes que a instalação do superego tenha se efetivado – só há culpa quando existe um superego. Mas, para que o alojamento do superego aconteça, um longo e complexo caminho deverá ser percorrido; o aparelho psíquico já terá que estar bastante desenvolvido. E isso será a consequência natural de um desenvolvimento saudável num ambiente possibilitador.

Freud (1933) nos fala de uma das muitas funções do ego, para a qual e na qual o ego se divide temporariamente. Quando assume essa função, o ego trata a sua outra parte como objeto e, da mesma forma como trataria outros objetos, observa, critica, julga e pune. O ego, sujeito em sua própria essência, toma-se como objeto de si próprio. A essa parte do ego, quando ele exerce essas funções, Freud dá o nome de superego.

Ele nos mostra que, em algumas situações de doença, esse funcionamento superegótico é facilmente observável. Na descrição dos delírios psicóticos, é comum ouvir dos doentes suas sensações de estarem sendo observados e vigiados em todas as suas ações, até as mais íntimas. Esse “observador” fica “esperando” qualquer deslize, qualquer ato proibido, para puni-los. Já no quadro clínico da melancolia, é visível como o melancólico se trata, ou seja, como o seu superego, ou “consciência”, trata o ego. Nesses estados, o superego torna-se muito severo, “insulta, humilha e

maltrata o pobre ego, ameaça-o com os mais duros castigos, recrimina-o por atos do passado mais remoto, que haviam sido considerados, na época, insignificantes” (Freud, p. 79) Julga, condena e pune. O ego fica subjugado a um superego que, em nome das exigências morais, se torna um déspota cruel. O sentimento de culpa, ou sentimento moral de culpa, como diz Freud, é a expressão da tensão entre ego e superego.

A consciência moral, e o conseqüente sentimento de culpa, ainda que internos – e diferentemente da vida sexual, existente desde o início da vida – , são um acréscimo posterior (p. 80). Diz Freud: “Pois bem, como todos sabem, as crianças de tenra idade são amorais e não possuem inibições internas contra seus impulsos que buscam o prazer”. O papel que desempenha o superego, nessa fase, é cumprido pelos pais. A criança, dependente e necessitada do amor dos pais, vai percebendo aos poucos o que retorna deles em reação a suas ações – amor ou reprovação. Perder o amor é temeroso e causa ansiedade, a precursora da *Gewissenangst*, ansiedade de consciência.

Aos poucos desenvolve-se uma situação secundária, na qual esses ideais parentais vão se internalizando e o superego assume seu lugar como herdeiro do poder, das funções e dos métodos parentais experienciados na infância. Esse processo vai se desenrolando por identificação, que é a ação de assemelhar um ego a outro. Essa seria a primeira forma de vínculo antes de se estar apto a fazer uma escolha objetal. E depois, talvez, só se possa perder um objeto escolhido regredindo-se a uma identificação com ele.

A instalação satisfatória do superego tem a ver com a possibilidade de identificação com os pais, isto é, com a constituição de um ego saudável, que, aos poucos, irá adquirindo uma maior força e autonomia para lidar com as vicissitudes do id. O superego será o representante do id na relação com o ego, fornecendo a este um dado de realidade interna. O superego está ligado ao id e, portanto, distante da consciência. O sentimento de culpa – essa tensão entre superego e ego – é, assim, inconsciente. Freud tenta resolver esse paradoxo – sentimento inconsciente de culpa – propondo o

termo “necessidade de punição” como talvez mais adequado. Isso é resultado de sua percepção da culpa como consequência não de um ato praticado, mas, antes disso, da intencionalidade dele. Freud deixa claro que a culpa está na intenção.

Mais tarde, com o abandono do complexo de Édipo, ou seja, dos intensos investimentos objetivos nos pais, as identificações se darão como compensação à renúncia necessária das fortes catexias neles depositadas. Outras perdas e identificações se realizarão durante toda a vida; porém, por ser essa a primeira, e numa época na qual os pais têm uma importância incondicional, ela vai ser estruturante e terá um “lugar” especial. O ideal do ego, herdeiro do complexo de Édipo, é poder ser essa perfeição (ego ideal) outrora atribuída aos pais, mas agora de forma menos onipotente. É por esse parâmetro que o ego é avaliado (outra função do superego) e estimulado a alcançar uma “perfeição” sempre maior.

Portanto, as primeiras identificações, nos tempos primordiais da vida de um bebê, terão efeitos duradouros: para o resto de sua vida.

Winnicott é um grande estudioso desses primeiros momentos e do desenvolvimento humano, que, para ele, é natural, desde que esse processo não seja interrompido por intrusões às quais o bebê terá que reagir. As reações às intrusões levam à interrupção do processo de vir-a-ser e da constituição e do desenvolvimento do si mesmo.

Em seu artigo “Psicanálise do sentimento de culpa” (1958), Winnicott se propõe a estudar o sentimento de culpa, mas não como algo a ser imposto, e sim como consequência natural do processo maturacional, um aspecto do desenvolvimento emocional do indivíduo. Esse processo, por óbvio, em diferentes graus, poderá ser bem-sucedido ou fracassar.

Foi ao estudar a neurose obsessiva, e posteriormente a melancolia, que Freud chegou ao conceito de superego. Nesses casos, o sentimento de culpa se exterioriza de forma exacerbada e distorcida, e ocorre dificuldade

em lidar com o conflito entre amor e ódio; a falha na capacidade de se preocupar (voltarei a falar no tema da capacidade de preocupação) está em evidência. A culpa constitui o desenvolvimento da ansiedade provocada por esse conflito entre o amor e o ódio. Sentir culpa é poder suportar a ambivalência, e suportar a ambivalência é poder integrar os impulsos com o ambiente: “Um sentimento de culpa, portanto, implica que o ego está se conciliando com o superego. A ansiedade amadureceu rumo à culpa” (Winnicott, 1958, p. 22).

Winnicott, partindo das idéias de Freud sobre essas questões, vai estudar o ponto de origem da capacidade de sentir culpa que existe em cada indivíduo. Para que o sentimento de culpa possa acontecer, ele presume um desenvolvimento normal nos estágios iniciais de vida, quando o bebê é dependente do ambiente, ou seja, da mãe e seus cuidados.

Winnicott nos informa que Freud lidou com o conflito entre amor e ódio numa situação triangular. Melanie Klein, por sua vez, trata dessa conflitiva numa fase anterior, em que existe somente a relação dual entre a mãe e o bebê; para ela, o conflito teria como origem as idéias destrutivas que acompanham o impulso amoroso, o que ocorreria bem antes da situação edípica.

Klein dá o nome de “posição depressiva” a essa importante fase do desenvolvimento emocional na qual começa a haver a possibilidade de algum sentimento de culpa.

Para ela, nesse estágio, os objetos parciais bons e maus passam a integrar-se, unificando-se e tornando-se objetos totais. Começa a haver consideração pelo objeto; o bebê dá-se conta de que o objeto atacado é o mesmo que ele ama. Mas, para que a passagem para esse estágio possa acontecer, o objeto atacado tem que sobreviver. A criança precisa sentir que o objeto do seu amor, mesmo atacado, pode ser reparado.

Winnicott toma esse conceito – a posição depressiva – “emprestado” de Melanie Klein, e o descreve de uma forma pessoal, como uma “capacidade de preocupar-se” que requer a relação de um indivíduo total com objetos totais. Para ele, a posição depressiva se dá no momento que sucede aquele em que o bebê consegue realizar sua unidade. Mas o desenvolvimento posterior e a continuidade dessa unidade ainda irão depender de um ambiente seguro e confiável, e que possa dar ao bebê o tempo necessário para que ele reconheça um fato tão complexo: a mãe/ambiente, que, a esse tempo, encarna duas mães, a mãe ambiente e a mãe objeto de agressão. É a agressividade – ou o amor impiedoso – que coloca o objeto subjetivo como externo.

Para o bebê, é muito difícil perceber que a mãe atacada não corresponde na realidade a uma mãe agressiva, mas a uma mãe que continuará viva e dispensando a ele os mesmos cuidados necessários. Ela será uma mãe inteira se puder “sobreviver” aos impulsos agressivos de seu bebê e, com isso, continuar confiavelmente presente. O bebê poderá ter, então, a experiência de “eu sou”. Só assim ele se tornará uma pessoa que desenvolveu a capacidade de amar e odiar e que se responsabiliza pelos próprios impulsos instintivos. O *ruthless*, ou o amor impiedoso, se desenvolve para que se efetive a preocupação com o outro e o ambiente.

Nessa fase, o bebê já não é tão dependente; sua sujeição é relativa, diferentemente de uma fase anterior, em que ele dependia absolutamente dos cuidados maternos. Para que ele possa chegar à posição depressiva e adquirir a capacidade de preocupar-se, presume-se que os cuidados a ele dispensados, na fase anterior, tenham sido sensíveis em relação às suas necessidades.

Sentindo-se uma unidade, o bebê necessita poder fazer reparações e restituições, capacitando um ego ainda imaturo a desenvolver a possibilidade de tolerar os elementos agressivos de seu impulso amoroso primitivo. Durante um período de tempo, esse “exercício” será repetido inúmeras vezes. Winnicott o esquematiza da seguinte forma:

- 1- experiência instintiva;
- 2- aceitação de responsabilidade, a que se chama culpa;
- 3- uma resolução ou elaboração;
- 4- um gesto restitutivo verdadeiro (1958, p. 27).

Para Winnicott, toda criança nasce com uma tendência a desenvolver culpa. Há, contudo, aquelas que não a desenvolvem. O andar e o falar acontecem, em condições normais, no tempo certo. Porém, alcançar a capacidade de sentir culpa e de desenvolver o senso moral depende de condições ambientais bem mais complexas.

O sentimento de culpa não se acha presente nos estágios iniciais do desenvolvimento da criança. Seu ego, bastante imaturo, ainda não pode se responsabilizar pelos impulsos do id. Se tiver o suporte egóico necessário do ambiente, o ego vai integrando-se, o que torna possível a capacidade de preocupação. Gradativamente, e em condições favoráveis, a capacidade para o sentimento de culpa desenvolve-se em relação à mãe, conjuntamente com a possibilidade de reparação. Só com a aquisição da capacidade de se preocupar a criança poderá tolerar a ambivalência da conflitiva edípica e das relações triangulares.

Algumas pessoas, privadas do cuidado necessário nos estágios iniciais de suas vidas, tiveram como consequência um impedimento do desenvolvimento emocional natural, o que pode resultar em uma ausência de senso moral. Para Winnicott, a delinqüência é resultado de uma privação, e o prognóstico se mostra menos esperançoso. Ele nos diz: “Onde há uma falta de senso moral pessoal o código moral inculcado se torna necessário, mas a socialização resultante é instável” (p. 28).

Outras pessoas perdem a capacidade de sentimento de culpa, mas podem recuperá-la. Isso se traduz nos comportamentos anti-sociais.

Winnicott divide o comportamento anti-social em dois tipos. O primeiro é a rebeldia comum de crianças sadias, como mentir, roubar, a enurese etc.

Ele vê nessas atitudes uma tentativa inconsciente de gerar um sentimento de culpa. Por não poderem chegar à origem do sentimento de culpa, que é intolerável, tais crianças conseguem alívio nesses delitos, que são uma forma disfarçada da fantasia reprimida pertencente ao complexo de Édipo original. Com proibições necessárias, mas limitadas – pois a capacidade de sentir culpa é primitiva ou incipiente –, é dada à criança a possibilidade de ser rebelde. Uma rebeldia que, se for limitada, é sadia e traduz muito da espontaneidade dessa criança.

O segundo tipo de comportamento anti-social, o mais raro, é quando a capacidade do sentimento de culpa se perdeu. São os casos em que se dão os mais terríveis crimes; há uma tentativa desesperada de recuperar a capacidade de sentir culpa e sentir algum alívio, mas muitas vezes isso não acontece sequer com a punição. Nessa hipótese, os cuidados necessários se deram, mas foram falhos em algum momento e se perderam. Se o “bom” ambiente puder ser restabelecido, os atos anti-sociais cessarão.

Em ambos os casos, a partir desses pressupostos, a prevenção – tanto no âmbito familiar como no social – será a melhor forma de lidar com tais comportamentos. Nessas condutas, após a aquisição dos ganhos secundários, fica bem mais difícil, guardadas as proporções, recuperar o sentimento de culpa perdido.

Com a compreensão do crime como seqüela de uma intenção inconsciente, Freud contribui para a psicologia social, e Winnicott rende a ele essa homenagem. Mas penso que Winnicott, além de desenvolver de forma ampliada essas idéias de Freud, deu a elas uma praticidade e entendimentos clínicos e sociais muito mais abrangentes.

O Outro que Aceita Contribuições

“A palavra ‘concern’ é usada para expressar, de um modo positivo, um fenômeno que é expresso, de um modo negativo, pela palavra culpa.”<sup>4</sup>

Grandes ganhos já deverão ter acontecido, em termos do desenvolvimento do bebê, antes que possamos nos referir à possibilidade de “concern”. A capacidade para “concern” (implicação), ou preocupação, é uma questão de saúde que pressupõe, uma vez estabelecida, uma organização egóica bastante complexa, uma conquista não só proveniente dos cuidados dispensados ao bebê, mas também vinculada aos processos de crescimento interno. Portanto, é necessário que um ambiente suficientemente bom tenha sido garantido, e aí esteja como base.

Como já vimos, o bebê, podendo exercitar sua agressividade (e é a mãe quem “permite” isso, sobrevivendo<sup>5</sup>, e não retaliando), gradualmente vai se tornar uma unidade, capaz de sentir o *self* como um inteiro, e portanto também os outros, e estará protegido por uma membrana limitadora, com um interior e um exterior. Surge, assim, o sentimento de ser um. Um bebê inteiro, relacionado a uma mãe inteira: foi alcançado, então, o estágio no qual a posição depressiva (preocupação) pode se efetivar.

Nesse momento, o bebê se defronta com tarefas bastante complexas, para as quais terá que contar com uma mãe confiável e consistente no tempo. Ela é necessária pelo valor que adquiriu ao sobreviver. É uma mãe-

---

<sup>4</sup> “The Development of the Capacity for Concern”, D. W. Winnicott (1963), em “ The Maturational Processes and The Facilitating Environment”.

<sup>5</sup> Não retaliar é diferente de não se defender; a defesa é importante para a sobrevivência.

ambiente e uma mãe-objeto, alvo do amor excitado. E é nesse momento, quando se dá a integração, que o bebê terá que se haver com as questões de ambivalência e deverá poder tolerá-las.

Diz Winnicott:

“O bebê ou a criança pequena que chega à posição depressiva está sendo sustentada pela mãe, porém, mais do que isso, sendo sustentada ao longo de uma fase de sua vida. Note-se que foi introduzido aqui um *fator tempo*, e a mãe *sustenta a situação* de modo que o bebê tenha a chance de elaborar as conseqüências de suas experiências instintivas. Conforme veremos, essa elaboração é comparável ao processo digestivo, e tão complexa quanto este.

A mãe sustenta a situação, e o faz de novo e continuamente, num período crítico da vida do bebê. A conseqüência é de que algo pode ser feito a respeito de alguma coisa. A técnica materna permite que o amor e o ódio coexistentes no bebê se distingam um do outro, e que, em seguida, venham a se inter-relacionar e tornar-se gradualmente controláveis a partir de dentro, de um modo que chamamos saudável.” (p.263)

Winnicott reconhece a grande importância do conceito kleiniano da posição depressiva – para ele da mesma magnitude do conceito freudiano do complexo de Édipo –, mas o utilizará de uma forma pessoal.

Winnicott nunca gostou do termo “posição depressiva” – que confere a idéia de um estado doentio; ele destaca que se trata de uma fase normal e necessária, indicadora de saúde.

Usando suas palavras:

“O termo “posição depressiva” é um nome ruim para um processo normal, mas ninguém foi capaz de encontrar um melhor. Minha própria sugestão é de que ele poderia ser chamado de “estágio de concernimento”. A meu ver esse é um termo que facilmente introduz o conceito. Melanie Klein inclui a palavra “concernimento” em suas próprias descrições. No entanto, esse termo

descritivo não cobre a totalidade do conceito. Temo que o termo original será mantido”. (p.264 e 265)

Em 1963, no texto “O Desenvolvimento para a Capacidade de Preocupação” (concern), Winnicott substitui a “posição depressiva” de Melanie Klein por “estágio de preocupação”.

Já falamos sobre a agressão e sobre o sentimento de culpa, conceitos necessários para se entender o estágio de preocupação.

A agressão é inata, sinônimo de atividade, motilidade e vitalidade. O ambiente vai exercer influência sobre essa agressividade. Se ela acontece integrada, é uma energia positiva e proveitosa, possibilitadora do trabalho e do brincar; se não ocorre dessa maneira, é violência e destruição.

“O sentimento de culpa é a ansiedade ligada ao conceito de ambivalência e implica certo grau de integração do ego do indivíduo que possibilita a retenção das imagens de bons objetos concomitante com a idéia de retenção dos mesmos. Preocupação implica maior integração e crescimento e se relaciona de modo positivo com o senso de responsabilidade do indivíduo, especialmente no que concerne aos relacionamentos em que entram os impulsos instintivos.” (Winnicott 1963, p.73)

Estamos em um momento em que o bebê, ou a criança, acaba de alcançar, na relação com a mãe, o *status* de unidade. O bebê já é uma unidade estabelecida, e a mãe já é sentida pelo bebê como uma pessoa completa. Esse desenvolvimento faz parte, nas suas origens, do relacionamento entre duas pessoas. Além disso, o bebê sente que vive dentro do seu próprio corpo.

Tudo o que precedeu esse *status* unitário deve ter sido garantido pelo ambiente suficientemente bom capaz de ter se adequado às necessidades do bebê. Se o ambiente for suficientemente bom, e amparar de uma forma confiável, a capacidade para preocupar-se será uma conquista natural,

acompanhada da presença viva e contínua do outro, da presença humana. Nesse momento o bebê alcança um estágio no qual a posição depressiva pode ser adquirida.

Para entendermos a posição depressiva, devemos observar que, no princípio, a criança não está implicada em seus impulsos instintivos ou agressivos. A impiedosa manifestação de seu amor primitivo é sua forma de contato, seu meio de expressão e a maneira pela qual se dá o alívio das tensões instintuais. E, como já vimos, havendo a resistência necessária à agressividade, o outro se situará fora do eu.

É na elaboração da posição depressiva que ocorre a passagem da pré-piedade (ruthless) para a piedade (concern). Trata-se de uma transição gradual e complexa, que se realizará sob certas condições de maternagem.

O bebê experimenta impulsos agressivos e eróticos em relação ao mesmo objeto e ao mesmo tempo. Winnicott postula que a criança, antes do momento em que se perceberá e perceberá a mãe como unidade, vivencia a existência de duas mães – a mãe-objeto e a mãe-ambiente.

Essa intrincada ambivalência é sentida pelo bebê como ansiedade. Para o bebê, é difícil aceitar que a mãe valorizada dos estados tranquilos seja a mesma pessoa que foi e será atacada nos estados de excitação. Surge, então, a ansiedade depressiva.

Esse é um fenômeno complexo e comporta dois tipos de ansiedade. De um lado, a experiência de um sentimento de ambivalência, pois, para o bebê, a mãe não é mais a mesma. Há um buraco onde existia algo bom. Por outro lado, o bebê terá que se haver com o que acontece no seu interior. Passar por essas experiências (agora sim se trata de experiências) faz com que ele se sinta diferente. Winnicott utiliza a experiência da amamentação como modelo, comparada na vida adulta a uma experiência sexual.

Toda experiência instintual, e no caso a alimentação, é sentida como boa ou ruim, conforme tenha sido uma experiência gratificante ou, então, perturbada pelo **excesso** de raiva reativa à frustração. Toda boa experiência inclui frustração e, conseqüentemente, raiva (não há experiência perfeita), mas não necessariamente ocorre excesso. O bebê terá que se haver com fantasias sobre seu interior, com forças em conflito (id) e com a maneira de controlá-las (ego), com objetos bons e objetos persecutórios, além de lidar com a sensação de ter deixado um buraco na mãe.

A criança enfrenta, em seu interior, uma situação bastante complexa, em relação à qual nada pode fazer, além de esperar; assim como quando, depois de alimentada, sua digestão se processará e durará algum tempo. A experiência instintual também será “digerida”, de acordo com o tempo e os padrões pessoais adquiridos gradualmente, e o bebê “reterá” ou “eliminará” – diferentemente da digestão alimentar, na eliminação imaginativa algo bom, além do ruim, se perde –, conforme sua necessidade interna, e algum equilíbrio será alcançado. Durante o tempo necessário a mãe sustentará (*holding*) a situação; esse tempo é o da digestão física e o da elaboração psíquica. Esse mundo interno, na saúde, torna-se o núcleo (*core*) infinitamente rico do self, constituindo a subjetividade de cada ser humano.

Como resultado desse trabalho interno, o bebê terá coisas boas e más a oferecer. A mãe receberá as ofertas boas e as más, e supõe-se que ela possa distingui-las. Essa é a origem do dar e do receber verdadeiros.

A mãe que pode receber verdadeiramente o que seu filho lhe oferece está possibilitando seu crescimento. Sobrevivendo e reconhecendo o gesto de doação, ofertará condições ao bebê para que ele faça algo com o buraco criado imaginativamente no corpo da mãe. A restituição ou a reparação podem se realizar. Se isso não ocorrer, o gesto de doação poderá alcançar o buraco.

Essas experiências repetidas vão estabelecendo confiança para o bebê, e um “círculo benigno” é criado. O bebê passa a ser capaz de tolerar o

buraco causado por seu amor instintivo. E aqui chegamos à origem do sentimento de culpa – um sentimento de culpa verdadeiro, já que fruto de uma conquista pessoal, e não algo que, se fosse imposto, se tornaria falso. *”A criança saudável tem uma fonte própria de culpa, e não precisa ser ensinada a sentir culpa ou compaixão”* (p. 271).

Se a mãe for atacada, o bebê sente que a perderá, mas essa ansiedade é abrandada pelo fato de o bebê saber que tem uma contribuição a fazer à mãe-ambiente. Essa crescente confiança de que a mãe confia na sua contribuição possibilita a tolerância à ansiedade. Assim, a ansiedade que pode ser tolerada e modificada pela confiança em contribuir torna-se sentimento de culpa.

Com a instalação do círculo benigno, e a confiança de que as conseqüências do impulso instintivo poderão ser reparadas, os instintos (nesse momento, os instintos começam a ter um sentido e uma intenção direcionados ao outro, portanto já podemos falar em pulsão) ganham maior liberdade, pois riscos – cada vez maiores – podem ser corridos. Os riscos se relacionam a uma culpa também maior, mas, para lidar com a experiência mais intensa, os processos mentais se intensificam, levando o mundo interno a se enriquecer cada vez mais e à expansão da capacidade e da qualidade de doação.

O brincar, para Winnicott, é uma forma de doação, mas para ser construtivo no início é necessário que a pessoa amada esteja perto, vivamente interessada na brincadeira. E a importância da presença da mãe é estar ali para receber, e não para dar algo.

Após algum tempo, a mãe que possibilita essas aquisições e a instalação do ciclo benigno integra passado, presente e futuro para o filho, formando, assim, um conjunto de memórias e experiências sentidas como boas e sustentadas por ela, e que se tornarão parte do eu e serão assimiladas pelo ego. Dessa forma, a mãe real torna-se cada vez menos

necessária, e a própria criança pode sustentar a situação. Mais tarde, estará apta a sustentar a situação para um outro.

Conforme as palavras de Winnicott, nesse momento a função da mãe assim se delinea:

“As circunstâncias favoráveis nesse estágio são as seguintes: que a mãe continue viva e disponível, disponível fisicamente e também no sentido de não estar preocupada com outra coisa. A mãe-objeto tem de demonstrar que sobrevive aos episódios dirigidos pelo instinto, que agora adquirem a potência máxima de fantasias de sadismo oral e outros resultados da fusão. Além disso a mãe-ambiente tem uma função especial, que é a de continuar ela mesma, a ser empática com o lactente, a de estar lá para receber o gesto espontâneo e se alegrar com isso.” (p.173)

A presença consistente da mãe capacita o bebê a se doar e a fazer reparações, e a ser cada vez mais apto a experimentar seus impulsos instintivos. A mãe consistente libera a vida instintiva de seu filho. Desse modo, a culpa não será sentida (permanecerá latente); caso contrário, não haverá possibilidade de reparação, e a culpa assumirá um estado de tristeza ou de depressão.

Em 1963, no texto “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar”, Winnicott dá mais um salto em suas idéias. Ele nos diz que, quando a confiança nesse ciclo benigno se estabelece – o que significa experimentar os impulsos instintivos e continuar com uma mãe viva, disponível e aberta a aceitar contribuições –, o sentimento de culpa relacionado aos impulsos do id sofre uma modificação mais positiva. A essa modificação Winnicott dá o nome de preocupação. A base para a aquisição da capacidade de se preocupar é o sentimento de culpa, e se preocupar é uma aquisição necessária em direção ao desenvolvimento.

A capacidade de se preocupar está ligada à criança poder se responsabilizar pelos próprios impulsos instintivos, e se encontra na origem

do brincar e do trabalhar. “Mas no processo de desenvolvimento foi a oportunidade de contribuir que possibilitou à preocupação se situar dentro das capacidades da criança” (p. 74).

Ou seja, quando a criança já se percebe inteira e separada da mãe, com um dentro e um fora, e quando já se dá conta de seus impulsos instintivos, é a confiança na aceitação de suas contribuições, e com isso a possibilidade de reparação, o que possibilitará o desenvolvimento do sentimento de culpa para a capacidade de preocupação. Nesse momento, o papel fundamental do outro é ser confiável para aceitar a contribuição da criança, confiável para receber o gesto de reparação. O próprio desenvolvimento da criança pode ser visto e aceito como contribuição.

O sentimento de culpa, que aparece como angústia ou ansiedade frente aos impulsos instintivos, poderá ser gradualmente tolerado se a criança acreditar que poderá recompensar e reconstruir.

Chegamos ao momento de poder afirmar que a moralidade de um ser humano é desenvolvida, e não treinada, e que obediência não é crescimento. O sentimento de culpa e a capacidade de preocupação verdadeiros advêm do desenvolvimento, desde que, naturalmente, certas condições ambientais possam ser garantidas (tema de nosso trabalho), e não impostas. Trata-se de um desenvolvimento bastante complexo e que exige tempo.

Diz Winnicott:

“Existem duas maneiras de apresentar à criança as normas de limpeza e moralidade, e mais tarde as convicções religiosas e políticas. Uma dessas maneiras é os pais implantarem tais normas e crenças, forçarem o bebê ou a criança a aceitá-las, não fazendo qualquer tentativa para integrá-las na personalidade em desenvolvimento. Infelizmente, há crianças cujo desenvolvimento é tão precário que esse é o único meio para elas.”

A segunda maneira é facilitar e incentivar as tendências inatas à moralidade. Em virtude dos métodos sensíveis usados pela mãe, que pertencem à realidade de seu amor, as raízes do senso moral pessoal do bebê estão salvaguardadas. Já vimos como um bebê odeia desperdiçar uma experiência e prefere muito mais esperar, suportando as frustrações dos prazeres primitivos, se a espera aumentar o calor e a ternura de uma relação pessoal. E vimos como procede a mãe para ajudar à preparação de uma base de relações amorosas, no tocante aos sentimentos de atividade e violência do bebê. No processo de integração, os impulsos para atacar e destruir e os impulsos para dar e compartilhar estão relacionados, atenuando uns os efeitos dos outros. O treino coercitivo não utiliza esse processo integrador da criança.” (p.107)

A noção de justo, certo e errado tem a ver com um certo equilíbrio dessa dinâmica. Esses conceitos irão se desenvolver pela elaboração de processos internos da criança, levando à evolução de um superego pessoal.

Nesse estágio, já estarão operando dinamicamente ego, id e superego, e as relações se darão entre duas pessoas separadas e inteiras. O mundo interno, ao se relacionar com o mundo externo, se enriquecerá e se sofisticará; estarão operando fantasias, recalque, deslocamentos, condensações e todos os mecanismos inerentes ao aparelho psíquico (agora já podemos falar em aparelho psíquico). As excitações se tornarão mais localizadas. Tem início a fase fálica e exibicionista, e as diferenças sexuais aparecem.

As relações também irão se sofisticando e se tornando mais intrincadas, desenvolvendo-se rumo à possibilidade de relações triangulares, e então surgirá uma situação ainda mais complexa, a que Freud deu o nome de complexo de Édipo.

E, mais uma vez, gostaria de destacar o importante papel da mãe nessa fase complexa de aquisição da capacidade de se preocupar.

A capacidade de se preocupar é possibilitada pela mãe que se mantém continuamente viva e disponível, que recebe as descargas do id e

pode ser amada porque pode ser reparada. As ansiedades podem ser toleradas e o bebê pode experimentar a culpa, ou retê-la na espera de poder reparar. Winnicott chamou essa culpa retida, mas não sentida como tal, de preocupação.

A possibilidade de reparação é dada pela mãe que naturalmente, e sem consciência do que está fazendo, sustenta a situação pelo tempo necessário ao bebê.

Nos estágios iniciais, se não houver uma mãe que possa receber o gesto de reparação, a culpa se tornará insuportável, e métodos primitivos ou projetivos serão usados para lidar com essa ansiedade. Conquistar a capacidade de se preocupar, por sua vez, implica a existência de um indivíduo integrado e que pode se responsabilizar pela totalidade de seus sentimentos e idéias. A reparação se dá pela preocupação, e não pela culpa.

Nesse momento, a dependência do bebê é relativa, mas ele marcha rumo à independência.



Desde que comecei a me interessar pelo papel do outro na constituição do sujeito, utilizando-me das idéias de Winnicott, estas perguntas me quedam incômodas: Onde está o pai na obra de Winnicott? Eu sinto que ele está lá, sempre, mas onde? Onde se encontra o pai da fase pré-edípica?

Se nos remetermos ao pai da fase da base segura, ele necessariamente terá que fazer parte como um pilar nessa sustentação. Fui me dando conta, assim, de que a função do pai, já nos estágios iniciais, realmente estava presente na obra de Winnicott, mas de forma oculta.

O pai nas fases edípicas e pós-edípicas – o pai das neuroses – foi bastante estudado por Freud; Winnicott vai complementar as idéias freudianas nos falando do pai pré-edípico.

O pai ocupa um lugar no psiquismo da mãe – assunto abordado por Freud em *Totem e Tabu: o pai da horda primitiva* – e, portanto, está sempre presente nos cuidados maternos.

Se refletirmos sobre o conceito de mãe suficientemente boa de Winnicott, e o tamanho da responsabilidade que isso representa, não temos como não pensar que essa tarefa terá que ser dividida com alguém, condição essa para que o “sustentar” do bebê seja suficientemente bom.

No texto “Saber e Aprender”, Winnicott (2002) se refere a uma expressão da língua inglesa – “*to be left holding the baby*” – que significa o ser deixado com a responsabilidade de fazer algo que alguém começou e deixou inacabado.

Ele nos diz:

“Por aí podemos ver que todos sabem que as mães têm, naturalmente, um senso de responsabilidade, e que se estiverem com um bebê em seus braços estarão envolvidas com ele de algum modo especial. É claro que algumas mulheres são deixadas literalmente ‘segurando o bebê’, quando o pai não consegue gostar da parte que lhe cabe e não é capaz de dividir com a mulher a enorme responsabilidade que um bebê deve sempre representar.

Pode ser também que não haja um pai. Normalmente, porém, a mãe se sente apoiada por seu marido, e assim pode ser uma mãe adequada; age com naturalidade ao segurar o seu bebê, sem precisar estudar o assunto. Esta mãe ficará surpresa se me ouvir dizer que segurar um bebê é um trabalho especializado.” (p. 15)

Mais à frente, nesse mesmo texto, Winnicott afirma que as mães, como não estão ansiosas, podem se dedicar ao seu bebê de forma extremamente natural. Não o apertam ao segurá-lo, e nem temem deixá-lo cair.

“Apenas adaptam a pressão de seus braços às necessidades do bebê, movem-se lentamente e talvez emitam alguns sons. O bebê sente sua respiração, e de seu hálito e sua pele irradia-se um calor que leva o bebê a sentir que é agradável estar em seu colo.” (p. 15)

A melhor forma que uma mãe tem de cuidar de seu bebê é intuitivamente. Ela tem que acreditar que o que faz é o que tem que ser feito. Portanto, é vitalmente importante que outras pessoas preocupadas com o bebê entendam que têm como função proteger a mãe de possíveis interferências entre ela e seu filho.

“Nesse ponto os pais intervêm, não só pelo fato de que podem ser boas mães por períodos limitados de tempo, mas também porque podem ajudar a proteger a

mãe e o bebê de tudo o que pretenda interferir no vínculo entre ambos, que é a essência e a própria natureza do cuidado materno” (Winnicott, 1982, p. 18).

Nesse mesmo livro (Winnicott, 1982), no texto “E o Pai?”, Winnicott assegura que, desde o começo, o pai vai sendo apresentado ao bebê pela mãe. É a mãe a melhor pessoa para cuidar do bebê; é ela quem naturalmente foi preparada para isso, enquanto o pai possui como função sustentar que a mãe tenha todas as condições para se dedicar inteiramente ao filho. Geralmente o pai tem seu trabalho, o que o tira de casa durante o dia; ele depende da mãe para que possa ter contato com o bebê em alguns momentos, se eles assim o desejarem. E é importante que esse seja o ritmo, pois o pai, nessa fase, tem outras funções.

Primeiramente o bebê conhece a mãe. Com o seu desenvolvimento, começa a perceber algumas características da mãe, como maciez e ternura, características essas que ficam sempre associadas à mãe.

Mas ela é vinculada a aspectos duros também. É a mãe, a mãe do cotidiano, quem vai regular a vida do bebê. Ela pode ser severa, ríspida e rigorosa; os horários das mamadas, do banho, vão sendo organizados por ela, e essa constância é enormemente apreciada pelo bebê.

Winnicott assevera que essas qualidades da mãe – que não fazem essencialmente parte dela – vão se reunindo gradualmente na mente infantil; essas qualidades atraem para si os sentimentos que, com o tempo, o bebê nutrirá em relação a seu pai.

Mais tarde, na fase do não-eu – quando o bebê percebe a existência de algo externo a ele –, esses aspectos maternos rigorosos introduzem a presença do pai. A mãe suficientemente boa é vitalizada na sua personalidade pela presença do pai. Ela não vive só para o bebê, mesmo que isso aconteça por algumas semanas.

“Assim, quando o pai entra na vida da criança como pai, ele assume sentimentos que ela já alimentava em relação a certas propriedades da mãe, e

para esta constitui um grande alívio verificar que ele se comporta da forma esperada” (p. 129).

Winnicott continua nos falando das diversas formas em que o pai é valioso:

“Primeiramente é importante a presença do pai para ajudar a mãe a sentir-se bem em seu corpo e feliz em seu espírito. Uma criança é realmente sensível no que diz respeito à relação entre seus pais, e tudo correndo bem a criança se mostrará mais feliz e dócil. Sua vida será mais fácil e se sentirá mais segura.” Essa união entre os pais, que é uma união sexual, “fornece um fato, um fato que é concreto, em torno do qual a criança poderá construir uma fantasia, uma rocha a que ele pode se agarrar e contra qual pode desferir seus golpes; e, além disso, fornece parte dos alicerces naturais para uma solução pessoal do problema das relações triangulares” (p.129).

O pai também é necessário para dar à mãe o suporte que é preciso para manter sua autoridade, para sustentar a lei e a ordem que a mãe implanta na vida da criança.

O pai não tem que estar presente o tempo todo para cumprir essa missão, mas deve ser uma presença freqüente para que a criança possa senti-lo como um ser vivo e real, uma pessoa de “carne e osso”. É importante que a mãe possa agir com autoridade e organizar a vida da casa e dos filhos; mas, se só couber a ela essa tarefa, o fardo será pesado demais e, portanto, impossível de ser sustentado. Isso inviabiliza um suporte suficientemente bom.

É muito mais fácil para as crianças contarem com ambos os pais, porque podem odiar um deles sabendo que contarão com a permanência do amor do outro. Diz Winnicott:

“A criança está constantemente predisposta a odiar alguém, e se o pai não estiver presente para servir-lhe de alvo, ela detestará a mãe e isso a confundirá, visto ser à mãe que a criança mais fundamentalmente ama”.

Um terceiro motivo para a presença do pai é que a criança precisa dele em virtude de suas qualidades positivas próprias e de sua vivacidade.

Se um pai é presente e disponível para conhecer seu filho, a criança terá sua vida bastante enriquecida – e não só a criança. Quando uma mãe e um pai tomam para si a tarefa da existência do filho, as condições para um bom lar – ou seja, para um ambiente facilitador do “poder ir sendo” da criança – se instalam.

Winnicott ainda afirma que as crianças formam seus ideais, pelo menos em parte, com base no que vêem quando olham para seus pais. Mas é importante que o pai continue vivo, e que os filhos convivam com ele até que possam conhecê-lo e descobri-lo como ser humano. É necessário tempo para que os filhos lhe percebam as imperfeições e o odeiem, para depois constatar que sobrevivem apesar disso.

Mais tarde, filhos e filhas terão um vínculo diferente com o pai. A menina geralmente sonha, romanticamente, em estar no lugar da mãe, e entre ela e o pai existe um vínculo bastante forte e vital. Isso é natural.

Se a mãe suportar essa situação, sem ciúmes e rivalidade, vai permitir que esses laços entre pai e filha evoluam com naturalidade, possibilitando-se à menina perceber que está fadada a se frustrar nesses anseios românticos; ela olhará, então, em outras direções.

Já os meninos tomam o pai como rival com relação à mãe. São sentimentos genuínos e devem ser levados a sério; mas se o pai e a mãe tiverem uma relação de amor, não haverá maiores problemas.

Winnicott enfatiza a importância de que a mãe promova momentos de encontro entre o pai e os filhos, sem interferência. Ele dá um “conselho” às mães:

“Assim, se o seu marido estiver em casa, você verificará que vale a pena esforçar-se para ajudá-lo e às crianças a conhecerem-se mutuamente. Não está em

suas mãos tornar férteis as relações deles; isso depende do pai e das crianças. Mas está verdadeiramente em seu âmbito possibilitar essas relações, ou impedi-las ou desfigurá-las.” (p. 133)

Aparece aí, de forma tão simples, algo de extrema importância. Antes que o pai possa ser uma presença real para a criança, ele estará presente por se achar contido na mãe. O pai é também uma necessidade da criança, e faz parte de suas criações; tem que estar lá para ser encontrado.

Não seria uma boa mãe aquela que, após as primeiras semanas de vida de seu bebê, continuasse ainda vivendo só para ele. E é essa outra função do pai: ser um ímã, um pólo de atração, para ajudar a mãe a se separar de seu filho.

Winnicott raramente falou sobre o papel do pai, e acrescentou muito pouco ao que já se havia proferido a respeito. Mas não que não estivesse atento a isso; em 1969, em seu texto “The Use of an Object in the Context of Moses and Monotheism”, ele dá especial destaque ao pai.

Winnicott lança algumas questões: O que representa a presença real do pai e qual o seu papel na experiência da relação dele com a criança e vice-versa? O que traz essa presença para o bebê? Ao mesmo tempo, Winnicott afirma que vai fazer muita diferença o pai estar lá ou não, se ele é capaz ou não de relacionar-se, se tem saúde e sanidade ou não, se sua personalidade é mais flexível ou rígida. É importante se o pai morre, e em qual momento do desenvolvimento da criança ele morre. Deve-se também levar em conta a imagem do pai internalizada na mãe, e qual o seu destino dessa imagem.

À medida que o ego imaturo do bebê vai se fortificando – por força da adaptação suficientemente boa da mãe, reforçado pelo ego dela e seguindo-se à tendência inata para a integração –, ele se desloca para a posse de uma identidade própria. Nesse momento, a terceira pessoa desempenha uma grande parte.

O pai é essencial para a criança, pois ela precisa adquirir uma identidade própria, diferente da identidade da mãe. O pai será a primeira percepção de um objeto total e integrado. Ele pode, ou não, ter sido um substituto da mãe, mas em algum momento ele passa a ser sentido num papel diferente; é aí, então, que o bebê começa a usar o pai como modelo para sua própria integração, e é aí que tem início a sua unificação. O pai será um estímulo para uma tendência inata.

Se não há o pai, o desenvolvimento em direção à unificação será mais difícil e árduo; um outro relacionamento estável com uma pessoa total, se possível, poderá ser usado.

Nesse sentido, o pai poderá ser o primeiro vislumbre que a criança tem da integração e de uma pessoa na sua totalidade – uma pessoa total.

A mãe começa ser apreendida pelo bebê como um objeto parcial ou como uma conglomeração de objetos parciais; portanto, o pai será percebido da mesma forma. Se tudo andou bem, o pai aparecerá como uma pessoa inteira, como pai, e não mais como substituto da mãe. O pai é figura essencial, faz a síntese no desenvolvimento emocional do indivíduo e na tendência à integração, levando-o ao *status* de unidade.

Não há mãe suficientemente boa sem um pai suficientemente bom. E para que o pai seja suficientemente bom, ele deverá ter um papel complementar como substituto maternal. Ele materna a mãe, lhe dá sustentação – portanto, sustenta quem sustenta o bebê. Ele protege a mãe e o bebê e, por outro lado, tem uma interface voltada para fora. A face dirigida para dentro é formada por empatia e ternura, e a voltada para fora, por firmeza e proteção.

O pai tem também que reassegurar para a mãe que ela possa retomar sua vida de mulher depois de algum tempo. Assim, ele forma junto à mãe a cena primária, a triangulação e uma vida psíquica mais rica.

Mas o pai precisa manter uma pequena distância, que passa a introduzir na criança a ausência, o não e o interdito. Coloca-se, então, um limite à hostilidade com relação à mãe. O pai seduz pela diferença com a mãe; estimula a curiosidade, enquanto a mãe garante a estabilidade pelo já conhecido.

Em uma de suas palestras, “O que irrita?” (1960), transmitida pela BBC, Winnicott assim finaliza:

“Mas eu espero que, em última instância, seja o pai que intervenha e defenda a esposa. Ele também tem seus direitos. Não só quer ver sua esposa recuperar uma existência independente como também quer estar apto a ter sua esposa para si, mesmo que em certos momentos isso signifique a exclusão das crianças. De sorte que, com o tempo, o pai acaba por fazer finca-pé, o que me traz de volta à minha palestra de várias semanas atrás a respeito de ‘dizer não’. Num desses programas, sugeri que especialmente quando o pai bate o pé com firmeza é quando ele se torna significativo para a criança pequena, desde que ele tenha conquistado antes o direito de assumir uma atitude firme ao ter uma presença assídua e amistosa em casa.” (p. 100)

O Outro Humano Confiável - A Vida Compartida  

---

**(lugar do brincar e das experiências culturais)**

Se em nossas vidas tivermos a felicidade de nascer com boa saúde e bons pais, o resultado será a nossa saúde psíquica, assentada na saúde física, e algo além disso. Como diz Winnicott, seremos “pobres” se formos somente saudáveis (Winnicott, 1971, p. 141). Mais do que saudáveis, é vivendo de uma forma verdadeira, ou seja, pessoal e autêntica, que a vida vale a pena. O viver verdadeiro, com possibilidade de troca com o ambiente, é uma aquisição que, como já visto, depende das primeiras experiências de vida. Viver ou não uma vida autêntica tem sua base nas primeiras relações do bebê com sua mãe. Se ela for sensível às necessidades da criança, e depois ao longo do tempo, assumirá uma posição fidedigna e assentará os alicerces da confiança do filho nos relacionamentos e na vida.

Leva um bom tempo até que o bebê amadureça e ganhe profundidade. O status unitário deve ter sido alcançado, e a noção de interno e externo precisa ser instalada. Mas, como diz Winnicott, isso não é tudo.

Ele sugere e postula uma terceira área, uma terceira maneira de viver, que não é interior ou exterior. É o espaço do brincar criativo e das experiências culturais. Durante toda a vida e em qualquer idade, a terceira área é resultado das experiências pessoais frente ao meio ambiente

predominante. Essa área é altamente variável de indivíduo para indivíduo, e depende das experiências pessoais e daquilo com o que ele se depara.

O ser humano se constitui como unidade com um espaço interno, outro externo. Os espaços internos e externos estão separados por uma área intermediária, que, em condições favoráveis, será preenchida por um viver criativo e pessoal. A separação é necessária entre o eu e o outro, com ganho para ambos os lados.

Podemos falar de uma realidade interna, onde a riqueza pessoal se consolida (ou não), de uma realidade externa ou compartilhada, e ainda da terceira área, uma área de ilusão e o “lugar” – seguindo as idéias de Winnicott – “em que permanecemos a maior parte do tempo enquanto experimentamos a vida” (Winnicott, 1971, p. 145) É nesse lugar que estamos quando nos divertimos e onde podemos relaxar.

O ser humano, em condições físicas e ambientais favoráveis, irá se constituir subjetivamente, uno e singular, com um dentro e um fora, e também com um “entre”, delimitado pelo dentro e pelo fora, mas infinito em possibilidades. Portanto, a constituição individual humana agrega três estados (lugares para se estar) diferentes, mas de mesma importância. A terceira área se distingue das outras duas por ser a área da experiência cultural ou do brincar criativo.

Para entendermos a base de onde se origina essa terceira área, temos que voltar a falar de uma época em que o bebê e a mãe ainda se encontram fundidos, mas já na etapa final dessa fase. A necessidade do bebê, nesse momento, é ir afastando o que não é ele: ocorre um repúdio ao não-eu. A mãe pode aceitar essa situação, pois está se recuperando do estado de identificação – que seria exagerado se não fosse necessário –, e é sensível à necessidade que o filho tem de se separar dela. E o bebê só conseguirá se separar se o espaço intermediário (espaço potencial), que é de ausência, for preenchido pelo viver criativo e pessoal. A separação se dá, paradoxalmente, “unindo” o dentro e o fora.

A adaptação sensível da mãe, durante um período de tempo, concede-lhe certa fidedignidade, o que vai originar na criança um sentimento de confiança. Essa confiança na mãe, e depois em outras pessoas e coisas, é o que possibilita a separação do não-eu a partir do eu. Mas, ao mesmo tempo, a separação é evitada pelo preenchimento do espaço potencial com “o brincar criativo, com o uso de símbolos e com tudo o que acaba por se somar a uma vida cultural” (p. 51) . É nesse espaço que se simbolizam fenômenos pertencentes ao mundo externo e ao interno.

O espaço potencial, que depende de experiências da vida para existir, é uma aquisição. É uma aquisição decorrente de experiências da continuidade de ser em um estado relaxado, advindo da confiabilidade do ambiente. Essa confiabilidade, com o tempo necessário, será introjetada e transformada em fé e esperança.

Winnicott confere um valor especial a essa terceira área. Para ele, “o brincar e as experiências culturais são coisas que vinculam o passado, o presente e o futuro, e que ocupam tempo e espaço” (p. 151).

Sobre a importância do outro para que essa aquisição aconteça, ele diz:

“Um bebê pode ser alimentado sem amor, mas um manejo desamoroso, ou impessoal, fracassa em fazer uma nova criança humana, autônoma. Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que, com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural.” (idem, p. 150)

Para que essa fruição possa ser alcançada, os pais deverão proporcionar aos seus filhos, além de cuidados confiáveis, um contato com os elementos da cultura.

Winnicott entende as experiências culturais como uma ampliação da idéia de fenômenos transicionais e do brincar, e entende a cultura como tradições herdadas. Ele pensa que a cultura é “algo que pertence ao fundo comum da humanidade, para a qual indivíduos e grupos podem contribuir, e do qual todos nós podemos fruir, *se tivermos um lugar para guardar o que encontramos*” (1971, p. 138).

O fundo comum da humanidade, aquilo que nos vincula a nossos ancestrais, é expresso pelas histórias de família (no dito e no não-dito), na tradição oral, nos mitos. Só com base na tradição é possível ser original e, da mesma forma, como o objeto transicional, fazer a ligação com algo que está distante ou separado.

Para finalizar, lembre-se que foi a mãe, com seus cuidados amorosos e amparada pelo pai, quem instalou no filho um sentimento de confiança na vida, que irá acompanhá-lo e possibilitar um viver verdadeiro e prazeroso - esperançoso. Foi a mãe quem proporcionou ao filho que ele se desenvolvesse e se tornasse uma pessoa inserida na cultura, podendo usufruir dela de uma forma responsável e com contribuições a dar. A mãe cumpriu seu papel se pode instalar no filho um sentimento de confiança.



Para Winnicott, é natural que o processo maturacional ocorra ao longo da vida, estando o ser humano apto a desenvolver suas potencialidades inatas, crescendo, procriando, envelhecendo e morrendo. Mas, para que tal se dê, são necessárias algumas condições, (onde o papel do outro é de extrema importância) e um pouco de sorte; sem isso, o desenvolvimento, que deve ser natural, emperra e não pode prosseguir.

Quando se fala em desenvolvimento em Winnicott, temos que distinguir o desenvolvimento físico do psíquico, e a estreita relação de um com o outro. Ambos requerem uma *nature* e *nurture*, ou seja, hereditariedade e criação adequadas a resultar em boa saúde e levar gradualmente à transformação da criança, na época certa, em homem ou mulher, depois à meia-idade – também com suas mudanças – e após à velhice, que vai desacelerar os vários funcionamentos até que a morte natural surja como a derradeira marca da saúde.(1990, p.29)

O desenvolvimento da psique se faz em termos de crescimento emocional, e também consiste numa questão de maturidade. “A maturidade envolve gradualmente o ser humano numa relação de responsabilidade para com o ambiente”(1990, p. 30).

Tanto o desenvolvimento físico como o psíquico, apesar de naturais, são processos complexos e sofisticados.

O desenvolvimento do bebê se faz pela presença humana, no corpo a corpo com sua mãe. O bebê precisa desse encontro para se humanizar e desenvolver suas potencialidades, que são inatas.

E que bebê é esse que nasce?

É um bebê singular, com uma carga hereditária, potencialidades inatas e uma agressividade também inata (que já no útero se manifesta por meio da motilidade e da atividade), constitutivas do ser. Para Winnicott, o homem nasce para ser ele mesmo.

Durante um período, que compreende algumas semanas logo após o nascimento de seu bebê, a mãe ingressa em um estado bastante especial, denominado por Winnicott de preocupação materna primária. A mulher, durante a gestação de sua criança, gradualmente vai-se transformando, ou “adoecendo”, até atingir um estado de intensa sensibilidade, que só é possível com a dissociação de alguns aspectos da personalidade. É necessário que essa mãe tenha uma boa saúde e um bom suporte (o pai da criança), para poder entrar e depois se recuperar desse estado – isso, quando o bebê permitir. Desse processo dependerá a saúde física e psíquica do bebê, em um momento no qual a dependência da criança é absoluta.

Nesse primeiro tempo, o tempo da dependência absoluta, o espaço é indiferenciado. A mãe, com seus cuidados, é essencialmente confundida com o ambiente. Dependere de forma absoluta do ambiente acompanha a possibilidade de criar o mundo, o que só pode se dar com o cuidado e a presença real e extremamente sensível da mãe. O bebê, nesse momento, é essa mãe ambiente. O bebê é outro para a mãe, mas, do ponto de vista do bebê, a mãe é ele mesmo – sem sua mãe, ele não existe.

Esse primeiro ambiente promove a integração do self (si-mesmo). É um ambiente compatível com as necessidades do bebê – que pode respeitá-

lo como um ser distinto dos pais – e que confere suporte egóico, funcionando como um ego auxiliar e propiciando que o ego da criança (que, nesse momento, é um ego corporal) se desenvolva no tempo certo, tornando-se um ego bem constituído e forte, em virtude da sustentação que recebeu.

Alguns fatores, característicos do ambiente de preocupação materna primária, irão promover a integração do self. Um deles é o “holding”, ou suporte, o ambiente seguro compatível com as necessidades da criança – a forma como a mãe segura seu bebê pode fazer toda a diferença. Outro fator é o “handling”, que compreende tanto a sensibilidade e a empatia da mãe em relação ao estilo, às cadências e aos ritmos de seu bebê como o “timing”, ou seja, a apresentação do objeto no “tempo certo”, no tempo da necessidade do bebê em encontrá-lo. A personalização, outro fator, é uma experiência própria, proporcionada pelo toque amoroso (que constitui, constrói) da mãe, e inaugura uma “psique que habita o soma”, um sentimento de self no interior do próprio corpo.

O bebê responde a toda essa devoção da mãe existindo, e a não-devoção é uma ameaça à sua existência.

Se pensarmos o ambiente como o mais primitivo dos “objetos”, é com ele que o bebê faz suas primeiras identificações. E o primeiro retorno vem do ambiente; são as sensações no corpo, que criam imagens ou idéias. O psíquico, para Winnicott, é a elaboração imaginativa do corpo.

Se o ambiente é suportivo, a criança terá um “lugar” para fazer essa elaboração de suas – incluídas as da mãe – sensações, de partes do corpo e de funções somáticas.

Portanto, ocorrendo a provisão necessária, o processo maturacional acontece, e ele só acontece na presença do outro. Abre-se para o outro, se estamos no campo do “sonho vazio”, ou se reapresenta para o outro, se já houve experiência. O sonho vazio é o anseio pelo outro, anseio pelo próprio

devir – é o lugar da esperança. Poder ter esperança é continuar sendo ou vir a ser.

O lugar do sonho é o “espaço potencial”, que, num primeiro tempo, é um sonho da pré-realização, anseio. Num segundo tempo, o sonho é ação, é gesto (ação constitutiva); e, num terceiro tempo, ele encontra realização: é o sonho transicional. Realização é encontro. A mãe vai ao encontro das necessidades de seu bebê para que ele a encontre.<sup>6</sup>

Não encontrar o objeto da necessidade causará decepção no bebê. Reativamente, para proteger o self da não-existência, um self falso é criado. Para Winnicott, o autismo e as psicoses são também defesas criativas.

A pessoa só pode ser no mundo. Esse ambiente primeiro, de extrema empatia e de extrema dependência, possibilita à criança criar o seu mundo, um mundo muito próprio, e isso lhe dá enorme prazer. É o mundo dos objetos subjetivos. Essa “criação” do mundo à sua imagem lhe dá a ilusão e a sensação de onipotência – de ser o criador do mundo.

É importante que o bebê tenha uma “experiência completa”, para que o objeto possa se constituir e se estabelecer como tal. O objeto – o seio, por exemplo – é apresentado ao bebê; este o encontra e sente que é algo que vale a pena ser encontrado. O bebê exita, saliva, mas vai podendo criar, na imaginação, esse objeto. Então ele começa a mordê-lo e depois a sugá-lo, desinteressa-se, volta a procurá-lo, e assim até que não precise mais dele. A experiência se completou, e é de extrema importância que a mãe suporte o desinteresse do bebê e retire o mamilo, pois é assim que o objeto se estabelece como objeto, e a mãe como mãe. A constituição do objeto se faz em três tempos: o objeto é atacado, aceita sofrer o ataque e sobrevive ao ataque sem resposta violenta. O objeto pode então ser utilizado, é seu.

---

<sup>6</sup> Aulas Prof. Gilberto Safra (PUC)

O próprio bebê, face à sua necessidade e possibilidade de separação, vai levar de novo a mãe à sanidade, por meio da sua agressão (inata e constitutiva). Aquela mãe “doente”, extremamente empática, passa então a ser uma mãe suficientemente empática, que pode dar essa separação a seu filho. Winnicott a chama de mãe suficientemente boa. Talvez essa sensação de onipotência possibilite que o bebê não se sinta mais tão dependente, e sua dependência passa a ser relativa. Instala-se o espaço da ilusão, dos objetos transicionais, ou seja, de transição, intermediário entre os objetos subjetivos e os objetivos. É o lugar da criação, do jogo, do brincar. É uma área de experimentação.

Todo esse suporte e a sobrevivência da mãe às excitações instintivas, possibilita à criança sair gradualmente desse estado de inquietude ou relaxamento para ingressar na posição depressiva, conceito “emprestado” de Melanie Klein, mas descrito por Winnicott, de uma forma pessoal, como uma “capacidade de preocupar-se” que requer a relação de um indivíduo total com objetos totais. Assim se estabelece a pulsão.

Para Winnicott, a posição depressiva se dá no momento que sucede aquele em que o bebê consegue realizar sua unidade. Mas o desenvolvimento posterior e a continuidade dessa unidade ainda dependem de um ambiente seguro e confiável, que possa dar ao bebê o tempo necessário ao reconhecimento de um fato tão complexo: a mãe/ambiente, no tempo, são duas mães, a mãe-ambiente e o objeto de agressão. É a agressividade, ou o amor impiedoso, o que colocará o objeto subjetivo como externo. Para o bebê, é muito difícil perceber que a mãe atacada não corresponde, na realidade, a uma mãe agressiva. É uma mãe inteira, que sobrevive à destruição e pode ser usada, continuando confiavelmente presente.

Só então a criança se torna uma pessoa que desenvolveu a capacidade de amar e odiar e de se responsabilizar pelos próprios impulsos instintivos, com um dentro, um fora e ainda uma terceira área, lugar do

brincar e das experiências culturais. Lugar de vida, de sonhos e de encontros.

Como vimos no decorrer deste trabalho, a tarefa a que uma mãe se propõe é bastante árdua e difícil. Mas ela cumpre essa tarefa de uma forma prazerosa por amar seu bebê e ter necessidade de vê-lo bem. A mãe saudável e responsável se dedica de forma natural e espontânea a essa tarefa, possibilitando ao filho uma vida simplificada. É uma mãe humana (portanto falível) e confiável ao longo do tempo, pois pode ser sensível às necessidades de seu filho, até que ele não precise mais dela.



## Referências Bibliográficas

---

ABRAM, Jam. “A Linguagem de Winnicott” , Rio de Janeiro, RJ: Livraria e Editora Revinter Ltda, 2000

ABRAM, Jam, “André Green e a Fundação Squiggle”, São Paulo, SP: Editora Roca, 2003

BOLLAS, Cristopher “A Sombra do objeto”, Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1987

DIAS, O. Elsa “A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott”, Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 2003

F. Robert Rodman, M.D., “Winnicott – Life and Work”, Cambridge, MA: Perseus Publishing, 2003.

FIGUEIREDO, Luís Claudio, “Acerca de Winnicott” (aulas PUC).

FREUD, S. (1923) O Ego e o Id, vol.XIX, in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

FREUD, S. (1933) A Dissecção da Personalidade Psíquica – Conferência XXXI, vol. XXII, in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

FREUD, S. "Obras Completas", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora Ltda., 1969

KOHON, Gregório "A Escola Britânica de psicanálise", Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994

LAPLANCHE E PONTALIS "Vocabulário da Psicanálise" São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991

MACEDO, Heitor O'Dwyer de, "Do Amor ao Pensamento: a criação da criança e D.W. Winnicott", Via Lettera Editora e Livraria, 1999

PHILLIPS, Adam "Winnicott", Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988

WINNICOTT, D.W "Playing and Reality", New York, NY: Brunner-Routledge, 2002

and Reality", New York, NY: Brunner-Routledge, 2002

WINNICOTT, D.W "Creativity and its Origins" in "Playing and Reality", New York, NY: Brunner-Routledge, 2002

WINNICOTT, D.W "The use of an Object and Relating through Identifications" in "Playing and Reality", New York, NY: Brunner-Routledge, 2002

WINNICOTT, D.W "The Location of Cultural Experience" in "Playing and Reality", New York, NY: Brunner-Routledge, 2002

WINNICOTT, D.W "The Place where we Live" in "Playing and Reality", New York, NY: Brunner-Routledge, 2002

WINNICOTT, D.W "Mirror-role of Mother and Family in Child Development" in "Playing and Reality", New York, NY: Brunner-Routledge, 2002

WINNICOTT, D.W. "O Brincar e a Realidade", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1975

WINNICOTT, D.W. "Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais" in "O Brincar e a Realidade", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1975

WINNICOTT, D.W. "A Criatividade e suas Origens" in "O Brincar e a Realidade", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1975

WINNICOTT, D.W. "O Uso de um Objeto e Relacionamento através de Identificações" in "O Brincar e a Realidade", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1975

WINNICOTT, D.W. "A Localização da Experiência Cultural" in "O Brincar e a Realidade", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1975

WINNICOTT, D.W. "O Lugar em que Vivemos" in "O Brincar e a Realidade", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1975

WINNICOTT, D.W. "O Papel de Espelho da Mãe e da família no desenvolvimento Infantil" in "O Brincar e a Realidade", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1975

WINNICOTT, D.W. "Human Nature", Philadelphia, PA: Brunner/Mazel 1988

WINNICOTT, D.W. "A Natureza Humana", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1999

WINNICOTT, D.W. "A Criança e seu Mundo", Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora 1982

WINNICOTT, D.W. "A Moralidade Inata do Bebê" in "A Criança e seu Mundo", Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora 1982

WINNICOTT, D.W. "E o Pai?" in "A Criança e seu Mundo", Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora 1982

WINNICOTT, D.W. "As Raízes da Agressividade" in "A Criança e seu Mundo", Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora 1982

WINNICOTT, D.W. "Through Paediatrics to Psychoanalysis", London: Karnac Books, 2002

WINNICOTT, D.W. "Primitive Emotional Development" (1945) in "Through Paediatrics to Psychoanalysis", London: Karnac Books, 2002

WINNICOTT, D.W. "Birth Memories, Birth Trauma, and Anxiety" (1949) in "Through Paediatrics to Psychoanalysis", London: Karnac Books, 2002

WINNICOTT, D.W. "Hate in Contratransference" (1947) in "Through Paediatrics to Psychoanalysis", London: Karnac Books, 2002

WINNICOTT, D.W. "Aggression in Relation to Emotional Development" (1950) in "Through Paediatrics to Psychoanalysis", London: Karnac Books, 2002

WINNICOTT, D.W. "Mind and its Relation to the Psyche-Soma" (1949) in "Through Paediatrics to Psychoanalysis", London: Karnac Books, 2002

WINNICOTT, D.W. "The Depressive Position in Normal Emotional Development" (1954) in "Through Paediatrics to Psychoanalysis", London: Karnac Books, 2002

WINNICOTT, D.W. "Primary maternal Preoccupation" (1956) in "Through Paediatrics to Psychoanalysis", London: Karnac Books, 2002

WINNICOTT, D.W. "The Antisocial Tendency" (1956) in "Through Paediatrics to Psychoanalysis", London: Karnac Books, 2002

WINNICOTT, D.W. "Da Pediatria à Psicanálise" Rio de Janeiro,RJ: Imago Editora, 2000

WINNICOTT, D.W. "Desenvolvimento Emocional primitivo" (1945) in "Da Pediatria à Psicanálise" Rio de Janeiro,RJ: Imago Editora, 2000

WINNICOTT, D.W."Memórias do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade" (1949) in "Da Pediatria à Psicanálise" Rio de Janeiro,RJ: Imago Editora, 2000

WINNICOTT, D.W. "O Ódio na Contratransferência" (1947) in "Da Pediatria à Psicanálise" Rio de Janeiro,RJ: Imago Editora, 2000

WINNICOTT, D.W. A Agressividade em relação ao desenvolvimento Emocional" (1950) in "Da Pediatria à Psicanálise" Rio de Janeiro,RJ: Imago Editora, 2000

WINNICOTT, D.W. "A Mente e sua Relação com o Psicossoma" (1949) in "Da Pediatria à Psicanálise" Rio de Janeiro,RJ: Imago Editora, 2000

WINNICOTT, D.W. "A Posição Depressiva no desenvolvimento EmocionalNormal" (1954) in "Da Pediatria à Psicanálise" Rio de Janeiro,RJ: Imago Editora, 2000

WINNICOTT, D.W. "A Preocupação Materna Primária" (1956) in "Da Pediatria à Psicanálise" Rio de Janeiro,RJ: Imago Editora, 2000

WINNICOTT, D.W. "A Tendência Anti-Social" (1956) in "Da Pediatria à Psicanálise" Rio de Janeiro,RJ: Imago Editora, 2000

WINNICOTT, D.W. "O Brincar e a Realidade", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora Ltda. 1975

WINNICOTT, D.W. "Os Bebês e Suas Mães" 2ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D.W. "Psycho-Analytic Explorations", Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

WINNICOTT, D.W. "Playing and Culture" (1968) in "Psycho-Analytic Explorations", Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

WINNICOTT, D.W. "On "The Use of an Object" in "Psycho-Analytic Explorations", Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

WINNICOTT, D.W. "Explorações Psicanalíticas", Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

WINNICOTT, D.W. "O Brincar e a Cultura" (1968) in "Explorações Psicanalíticas", Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

WINNICOTT, D.W. "Sobre o Uso de um Objeto" in "Explorações Psicanalíticas", Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

WINNICOTT, D.W. "The Maturational Processes and The Facilitating Environment", London: H. Karnac (Books) Ltd. 2003

WINNICOTT, D.W. "Psycho-Analysis and the sense of Guilt" (1958) in "The Maturational Processes and The Facilitating Environment", London: H. Karnac (Books) Ltd. 2003

WINNICOTT, D.W. "The Capacity to be Alone" (1958) in "The Maturational Processes and The Facilitating Environment", London: H. Karnac (Books) Ltd. 2003

WINNICOTT, D.W. "The Development of the Capacity for Concern" (1963) in "The Maturation Processes and The Facilitating Environment", London: H. Karnac (Books) Ltd. 2003

WINNICOTT, D.W. "Morals and Education" (1963) in "The Maturation Processes and The Facilitating Environment", London: H. Karnac (Books) Ltd. 2003

WINNICOTT, D.W. "Communicating and Not Communicating Leading to a Study of Certain Opposites" (1963) in "The Maturation Processes and The Facilitating Environment", London: H. Karnac (Books) Ltd. 2003

WINNICOTT, D.W. "O Ambiente e os Processos de Maturação", Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1983

WINNICOTT, D.W. "Psicanálise do Sentimento de Culpa" (1958) in "O Ambiente e os Processos de Maturação", Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1983

WINNICOTT, D.W. "A Capacidade para estar só" (1958) in "O Ambiente e os Processos de Maturação", Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1983

WINNICOTT, D.W. "Moral e Educação" (1963) in "O Ambiente e os Processos de Maturação", Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1983

WINNICOTT, D.W. "Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos" (1963) in "O Ambiente e os Processos de Maturação", Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1983

WINNICOTT, D.W. "Tudo Começa em Casa", São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999

WINNICOTT, D.W. "Agressão, culpa e reparação" (1960) in "Tudo Começa em Casa", São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999

WINNICOTT, D.W. "Tudo Começa em Casa", São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999

WINNICOTT, D.W. "Conversando com os Pais", São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999

WINNICOTT, D.W. "Privação e Delinqüência", São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002

WINNICOTT, D.W. "Holding e Interpretação", São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001

WINNICOTT, D.W. "O Gesto Espontâneo", São Paulo, SP: Martins Fontes, 1990

WINNICOTT, D.W. "Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1984

WINNICOTT, D.W. "Pensando Sobre Crianças" Porto Alegre, RS: ARTMED Editora, 2005

WINNICOTT, D.W. "Winnicott on the Child" Cambridge, MA: Perseus Publishing, 2002

WINNICOTT, D.W. "Relato do Tratamento Psicanalítico de uma Menina", Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1977

WINNICOTT, D. W. " A Família e o Desenvolvimento Individual ", São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

Revista Brasileira de Psicanálise, “Lendo Winnicott”, Órgão Oficial da  
Associação Brasileira de Psicanálise – vol.36 no.4, 2002

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)